



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE DESIGN-MODA**

TAINARA ARARIPE COSTA

***WAFUKU X YOFUKU: ANÁLISE SOBRE A ABERTURA DOS PORTOS
JAPONESES E A INTRODUÇÃO DE UMA NOVA INDUMENTÁRIA NO PAÍS A
PARTIR DO MANGÁ RUROUNI KENSHIN***

**FORTALEZA
2019**

TAINARA ARARIPE COSTA

WAFUKU X YOFUKU: ANÁLISE SOBRE A ABERTURA DOS PORTOS JAPONESES E A INTRODUÇÃO DE UMA NOVA INDUMENTÁRIA NO PAÍS A PARTIR DO MANGÁ RUROUNI KENSHIN

Monografia apresentada ao Curso de Design-Moda, do Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Design-Moda.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Raimunda Mendes Nogueira.

FORTALEZA
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C876w Costa, Tainara Araripe.

Wafuku X Yofuku : Análise sobre a abertura dos portos japoneses e a introdução de uma nova indumentária no país a partir do mangá Rurouni Kenshin / Tainara Araripe Costa. – 2019.
61 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2019.

Orientação: Profa. Dra. Francisca Raimunda Mendes Nogueira.

1. Japão . 2. Indumentária. 3. Tradição. 4. Abertura dos portos japoneses. 5. Ocidentalização. I. Título.
CDD 391

TAINARA ARARIPE COSTA

**WAFUKU X YOFUKU: ANÁLISE SOBRE A ABERTURA DOS PORTOS
JAPONESES E A INTRODUÇÃO DE UMA NOVA INDUMENTÁRIA NO PAÍS A
PARTIR DO MANGÁ RUROUNI KENSHIN**

Monografia apresentada ao Curso de Design-
Moda, do Instituto de Cultura e Arte (ICA) da
Universidade Federal do Ceará (UFC), como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Design-Moda.

Aprovada: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Cyntia Tavares Marques de Queiroz
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Esp. Joelma Damasceno de Matos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais, Maria Ozilene Araripe Costa
e Clodoaldo Oliveira Costa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a todos que tornaram a entrega desse trabalho possível. Acreditem, sem vocês ele não estaria sendo defendido ainda esse ano. Eu já estava desacreditada da possibilidade de entregar. Vocês que me deram força para isso.

À minha mãe Ozilene, pela maneira que me criou, o amor e apoio que me deu por todos esses anos. Todos os sacrifícios que fez durante sua vida para poder me dar uma boa educação e as vezes que virou noites me ajudando nos trabalhos. Se estou aqui hoje, foi tudo graças a você. Te amo de uma maneira que a senhora nem imagina.

Ao meu pai Clodoaldo, pela criação que me deu, pelo carinho e paciência que sempre teve comigo e por todo o esforço e sacrifícios que fez junto a mãe para poder dar uma educação para mim e meus irmãos. Te amo muito.

Aos meus irmãos, Janaína e Wesley, por sempre me ajudar e apoiar durante todo esse tempo.

Aos meus tios paternos, por sempre terem ajudado meus pais a pagar meus estudos. Sou muito grata a vocês.

À minha amiga Fernanda, por ter me apresentado esse universo tão vasto e apaixonante dos mangás. A cada série nova que me emprestava, meu amor e admiração pela cultura japonesa só aumentava. Esse trabalho é fruto dessa paixão que começou com Sakura Card Captors.

Aos meus amigos de infância, Alana, Viviane e Ygor, foram muitas brigas durante esses 14 anos, mas também muitas risadas e bons momentos. Obrigada por sempre estarem comigo e me apoiar.

A todos do grupo Gostasas Antifa, Cibelly, Gêrda, Grenda, Mari, Marília, Pedro, Osmar e Wagner, sem vocês essa graduação não teria sido nada fácil (talvez metade dos trabalhos nem teriam sido entregues). Todo o carinho que vocês têm por mim e apoio que me dão, é o que me faz conseguir seguir em frente nos momentos mais difíceis. Amo muito cada serzinho desse grupo. Desculpa sempre preocupar vocês.

P.S.: Cibelly e Wagner, vocês são os mais gostosos (não só do grupo), nunca duvidem da gostosura de vocês.

À minha amiga e assessora Cibelly, por sempre me apoiar, se preocupar e cuidar de mim mesmo quando seus dias estão difíceis. Pelas risadas, doses e sempre me deixar bonita nas fotos também, te amo chuchu.

Agradeço até hoje a Stephenie Meyer por ter criado a Saga Crepúsculo e ao tiozinho da banca de revista - e a mim por ter dinheiro no dia -. Essas coisas aleatórias me deram a melhor amiga que eu podia ter na vida, afinal a vida é uma caixinha de surpresas não é mesmo?!

Gêrda, não tenho nem palavras pra te agradecer. Mas do que qualquer um, mais até do que eu mesma, essa monografia não teria saído se não fosse por você. Obrigada, não só por isso, mas por cada puxão de orelha, conselhos, imagens fofas, choros e risadas lendo mangás juntas, por me aguentar e principalmente por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava mais. Eu te amo muito, bicha feia.

Aos professores do curso Design-Moda da Universidade Federal do Ceará pelos conhecimentos que me guiarão de agora em diante. Vocês me proporcionaram incríveis experiências e abriram meus olhos para os diversos mundos que a moda proporciona. Especialmente as professoras que compõem a banca examinadora, Cyntia Tavares e Joelma Matos. Obrigada pelas contribuições com outras visões para o trabalho.

À minha orientadora Francisca Mendes, carinhosamente Fran, por ter acreditado em mim e nesse trabalho, não me deixando desistir. Valeu a pena esperar para conseguir ser sua orientanda. Só tenho elogios e agradecimentos por todas as suas contribuições que você fez, as dicas, conselhos e as vezes que me lembrava de não tentar abraçar o mundo com as pernas nessa pesquisa desde a cadeira de projeto.

Por fim, mas não menos importante, agradeço ao Grande Rei do Terror.

“O contraste é a regra hoje no Japão. Antigas e modernas, tradicionais e ocidentais, opostos coexistem no país onde o sol se levanta. Esta é a característica que mais fascina o observador estrangeiro no Japão: a coexistência de elementos que parecem ser contraditórios.”

(Cristiane A. Sato)

RESUMO

O presente trabalho procura estudar a história do Japão nos seus momentos considerados mais críticos e importantes, Eras Edo (1603-1867) e Meiji (1868-1912), que respectivamente marcam o fim do período feudal e o início do Império japonês, através da indumentária e cenários retratados por Watsuki Nobuhiro no seu mangá Rurouni Kenshin. Os momentos referidos têm seu fim e início devido ao mesmo acontecimento histórico: a chegada dos norte-americanos e a abertura forçada dos portos japoneses. Partindo do objetivo geral deste estudo, que visa compreender o impacto que esse episódio gerou para o estilo de vida e indumentária japoneses, é analisado como e quais mudanças ocorreram com a chegada da ocidentalização, como foi recebido por parte do japoneses e os planos que eles tinham ao aceitar a volta dos ocidentais após terem os expulsado uma vez. Como metodologia, inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica para compor o embasamento teórico. Ao fim, foi feita a leitura e análise do mangá Rurouni Kenshin, do autor Watsuki Nobuhiro, juntamente com o auxílio de pinturas do século XIX da Era Meiji sobre a nova moda e estilo de vida, para verificar os pontos levantados durante o embasamento teórico sobre a ocidentalização e as mudanças na indumentária. Assim, observamos que houve a introdução de elementos ocidentais no Japão durante o período Meiji, apesar que de início tal inserção tenha sucedido de forma lenta e de acesso mais restrito a figuras públicas, cargos do governo e para a elite japonesa. Vindo tornar-se mais forte e presente após a total consolidação do governo Meiji, com o auxílio da missão Iwakura e a produção das cartilhas que ditaram os novos costumes para os japoneses.

Palavras-chave: Japão. Indumentária. Tradição. Ocidentalização.

ABSTRACT

The present work seeks to study the history of Japan in its considered most critical and important moment, Edo (1603-1867) and Meiji (1868-1912) Eras, that respectively marked the end of the feudal period and the beginning of the Japanese Empire, through clothing and scenarios portrayed by Watsuki Nobuhiro in his manga Rurouni Kenshin. The aforementioned moments have both their beginning and ending due to the same historical event: the arrival of the North Americans and the forced opening to the Japanese ports. Based on the general objective of this study, that aims to understand the impact that this episode had on the Japanese lifestyle and clothing, it is analyzed how and which changes occurred with the arrival of the westernization, how it was greeted by part of the Japanese people and the plans they had in accepting the return of the westerners after having once banished them before. As a methodology, initially a bibliographic search was made in order to compose a theoretical background. In the end, there was the reading and analysis of the manga Rurouni Kenshin, of the author Watsuki Nobuhiro, along with the assistance of Meiji Era paintings on the new fashion and lifestyle, to verify the points raised during the theoretical basis on the westernization and the changes in clothing. Thus, we observe that western elements were introduced in Japan during the Meiji period, albeit the beginning of said insertion succeeded slowly and with more restricted access to public figures, government positions personal and the Japanese elite. Becoming stronger and more present after the total collision of the Meiji government, with the aid of the Iwakura mission and the production of booklets that dictated the new customs for the Japanese people.

Key-words: Japan; Clothing; Tradition; Opening of ports; Westernization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotografia do novo cotidiano japonês por Kusakabe Kimbei	35
Figura 2 - Gueixa usando um tradicional kimono japonês nos dias atuais	37
Figura 3 - Encontro dos dois estilos	38
Figura 4 - <i>Kimono</i>	39
Figura 5 - Grupo Juppongatana	43
Figura 6 – O traficante de drogas Takeda Kanryu.....	44
Figura 7- Kenshin Himura, Kaoru Kamiya, Sanosuke Sagara e Yahiko Myoujin.....	45
Figura 8 - Representação das ruas de Tóquio e estrada Toukai	47
Figura 9 - Residência do traficante Takeda Kanryu	48
Figura 10 - Policiais japoneses da Era Meiji (1878)	49
Figuras 11 - Okubo Toshimichi.....	50
Figura 12 - Representação das vestimentas nos primeiros anos da Era Meiji.....	51
Figura 13 - Estação de Shimbashi	52
Figura 14 - Bonecas de papel	53
Figura 15 - Imperador Meiji no Asukayama Park.....	54
Figura 16 - Típicos costumes da Era Meiji.....	55

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. METODOLOGIA.....	16
2.1 Tipo de Pesquisa	16
2.2 Área de Abrangência.....	17
2.3 Categorias Analíticas.....	18
2.4 Plano de Coleta de Dados.....	18
2.5 Tratamento de Dados	19
3. O JAPÃO.....	20
3.1 Um país, uma cultura, muitas tradições e a identidade de uma nação.....	22
4.1 “O Governo Iluminado” - a Industrialização e a Ocidentalização	28
4.2 Missão Iwakura	31
5. OCIDENTALIZAÇÃO: ACEITAÇÃO OU TOLERÂNCIA	34
5.1 A indumentária japonesa: do tradicionalismo à ocidentalização	36
6. RUROUNI KENSHIN: CRÔNICAS DA ERA MEIJI	41
6.1 Tóquio 1878 - décimo primeiro ano da Era Meiji: sociedade e costumes	42
6.2 A presença ocidental no cenário japonês.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS	60

1. INTRODUÇÃO

O Japão que muitos associam com a modernidade e tecnologia, em momentos da sua história foi considerado por países ocidentais como um local de bárbaros ou não civilizados. O país que fechou suas portas para o mundo ocidental quando viu seu povo e sua cultura ameaçada por essas pessoas, por aproximados trezentos anos viveu tempos considerados de paz sem grandes mudanças significativas. Até que em 1853 avistaram nos seus portos navios estrangeiros com canhões apontados em sua direção pedindo novamente pela abertura do país (SAKURAI, 2018).

Para podermos falar sobre o Japão, da abertura dos seus portos e a sua ocidentalização, precisamos saber primeiro sobre quem é esse país, quem são esses japoneses, sua cultura, indumentária e costumes antes do ocorrido. Depois de esclarecido quem eram essas pessoas e como viviam, é preciso saber como se encontrava o cenário japonês antes dessa abertura, o que levou a esse acontecimento e quais mudanças ocorreram na cultura, costumes, civilização e indumentária com esse evento.

Dessa forma, para fundamentar essa pesquisa foi preciso pesquisar sobre o país, Japão, sua cultura e tradição; a civilização e seus costumes; a abertura dos portos, como ocorreu e seus impactos; a ocidentalização; a indumentária tradicional e ocidental e o cenário atual japonês, para poder analisar como se encontra hoje essa civilização.

Considerando que o Japão evoluiu em pouco tempo, e que a abertura dos portos é o marco dessa evolução, essa pesquisa tem a sua história como objeto de investigação. Através de algumas pesquisas realizadas foi possível constatar que essas temáticas de história do Japão, ocidentalização, cultura, indumentária japonesa e moda já foram discutidas por outros autores, como Yamashiro (1986) que conta em seu livro, “através das Eras”, a história, cultura e tradições japonesas.

Benedict (2002) procura entender o que é ser japonês e como pensava esse povo antes e durante a Segunda Guerra Mundial, além de pesquisar como era constituída essa civilização, o porquê desse povo prezar tanto sua tradição, e serem capazes de tudo para defender sua pátria; Sato (2007) analisa como a história do Japão contribuiu para o surgimento da atual cultura pop japonesa; e Anawalt (2011) busca contar a história da indumentária japonesa e, para isso, passeia pela sua história e os acontecimentos mais marcantes que contribuíram para ocorrência de modificações nessa vestimenta.

Entretanto, na maioria dos casos, essas temáticas são vistas de maneira isoladas ou pouco relacionadas, deixando aberta e vaga o que diz respeito à relação tradicionalismo x ocidentalização e os impactos que essa relação causou na indumentária.

Moura (2008) afirma que a moda apresenta reflexos e referências tanto da sociedade quanto dos usos e costumes do cotidiano, permitindo, assim, refletir, criar, participar, interagir e disseminar os costumes.

Dessa forma, o estudo presente compreende, assimila e esclarece, com o auxílio da leitura do mangá Rurouni Kenshin e da análise de três pinturas tradicionais japonesas do século XIX, os questionamentos seguintes: qual o impacto da abertura dos portos para o Japão ser o que é hoje? Quais diferenças podem ser notadas no cenário japonês? Quais mudanças ocorridas na indumentária? Ainda existe a presença e a prática da tradição no cotidiano dessas pessoas?

Baseado em tais questionamentos, tem-se como objetivo geral compreender o impacto da abertura dos portos japoneses em 1853, analisando a partir dos dados levantados no mangá Rurouni Kenshin, nas pinturas tradicionais e bibliografias escolhidas, se houve ou não uma mudança na forma de vestir e de viver do povo japonês depois da chegada dos norte-americanos, e como veio a acontecer. De forma a investigar as consequências desse choque cultural, mais especificamente, no estilo de vida e na indumentária japonesa, considerando está um elemento representativo da tradição do país, no decorrer da Era Meiji (1868-1912).

O interesse pela pesquisa advém de uma curiosidade construída ao longo do tempo, vez que o Japão sempre foi citado nas aulas de história, e às vezes até de geografia¹, como um país de primeiro mundo, de alta tecnologia, que “ressurgiu das cinzas” e que mantém suas tradições, mas sem muito aprofundamento e assim outros aspectos relevantes da história são deixados de lado.

Por exemplo, o fato de o Japão antigamente ter sido um país isolado que não mantinha nenhuma relação com outros países. Os japoneses não podiam deixar o país e nem estrangeiros podiam entrar, a situação só mudou com a abertura dos seus portos, embora tenha sido uma ação forçada pelos Estados Unidos. O fato é que, somente depois desse ocorrido foi que o Japão voltou a manter relações comerciais com outros países e deu início a sua industrialização, embora considerada tardia, em comparação aos demais países, porém, avançada frente às dificuldades enfrentadas (SAKURAI, 2018).

¹ Fonte: http://www.professorjunioronline.com/2013/02/conteudo-anual-de-historia-para-o_14.html

Com a finalidade de encontrar o objeto de estudo, foi escolhido a leitura do mangá² Rurouni Kenshin (1994-1999) e a análise de pinturas orientais da Era Meiji. A escolha se deu por conhecimentos prévios da autora que, por ser fã da cultura japonesa, tinha ciência que esse mangá retrata os momentos históricos em análise neste estudo, e que as imagens buscavam retratar o novo cotidiano japonês e ajudar a disseminar os costumes ocidentais adotados pelo governo.

Como objetivos específicos, busca-se estudar a história do Japão antes e após a abertura dos portos, de maneira que seja possível compreender sua cultura, seus costumes, sua indumentária e seus significados. Para então conseguir identificar as consequências que a chegada dos Estados Unidos causou nos pontos supracitados, para transformar o Japão em como é conhecido atualmente.

Esta monografia é composta por um total de seis capítulos. No primeiro temos a introdução do trabalho, em que são abordados conceitos gerais sobre o tema, uma breve fala sobre o Japão, que depois é aprofundado no decorrer da pesquisa, além de mostrar as diferentes relevâncias do estudo. O segundo capítulo apresenta a metodologia científica, que discorre sobre os métodos e ferramentas utilizadas nesta produção.

O terceiro capítulo traz uma discussão sobre o que é o país Japão, sua história durante o isolamento na Era Edo (1603-1867) e cultura a partir dos conceitos de diversos autores. O quarto capítulo nos apresenta o momento da abertura dos portos e o surgimento da Era Meiji (1868-1912), suas mudanças políticas e culturais em prol da industrialização. O quinto capítulo retrata como foi a aceitação dessa ocidentalização por parte dos cidadãos japoneses, além de apontar como era a indumentária do Japão feudal e as mudanças que foram ocorrendo. Posteriormente, temos o sexto capítulo que é composto pela análise dos dados coletados nos documentos já citados.

² Forma em português da palavra japonesa “漫画” (kanji) ou “manga” (romanji). A tradução literal é história em quadrinhos. No entanto, fora do Japão essa palavra é usada para designar histórias em quadrinhos japonesas, ou feitas “ao estilo japonês”.

2. METODOLOGIA

2.1 Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa é de natureza básica com abordagem qualitativa, tendo como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Com o objetivo de explorar a história do Japão e nela investigar se a abertura dos portos causou impacto cultural, mais especificamente, no estilo de vida e na indumentária dos japoneses, considerando ser esta um elemento representativo da tradição do país.

A metodologia numa pesquisa acadêmica orienta e estrutura esta a partir da escolha do melhor método de estudo para cada tema, objetivos e tipos de pesquisas propostos.

É sabido que toda e qualquer classificação se faz mediante algum critério. Com relação às pesquisas, é usual a classificação com base em seus objetivos gerais. Assim, é possível classificar as pesquisas em três grandes grupos: exploratórias, descritivas e explicativas (GIL, 2002, p. 41).

Sendo assim, ainda segundo Gil (2002), o objetivo da pesquisa exploratória é proporcionar uma maior familiaridade e aproximação com o problema abordado, com a finalidade de torná-lo mais explícito. Pesquisas desse grupo também tem como objetivo o aprimoramento das ideias.

Segundo o mesmo autor, pode-se dizer que descrever as características de determinada população ou fenômeno, é o principal objetivo de pesquisas de cunho descritivo. Dessa maneira, tendo em vista as definições, e que a finalidade desse trabalho é analisar a história do Japão e nela investigar se a abertura dos portos causou impacto cultural, o presente trabalho se encaixa nos dois grupos especificados.

Silveira e Gerhardt (2009) afirmam que uma pesquisa básica tem como objetivo gerar novos conhecimentos, que ainda não foram e nem possuem uma previsão de serem aplicados. Logo, esta pesquisa classifica-se como básica, pois já existem pesquisas em torno do assunto, no entanto, não com o mesmo direcionamento. Dessa forma, ela pode levar, ou não, a outras pesquisas futuras que venham a complementar ou discordar do que foi levantado.

A relação social em foco é a do povo japonês com o povo norte americano e a mudança da vestimenta e costumes japoneses a partir dessa interação. Pela visão dos autores Silveira e Gerhardt (2009), esse estudo é tido como de cunho qualitativo.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc (SILVEIRA e GERHARDT, 2009, p. 31).

Quanto aos métodos, de acordo com Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica abrange a bibliografia já publicada relativa ao tema em estudo e possibilita o exame do mesmo sob um novo ponto de vista, viabilizando a geração de conclusões inovadoras. Portanto, associada à pesquisa bibliográfica, é importante recorrer a autores que já discutiram o tema em questão principalmente para compreender melhor a situação pela qual o Japão passou, e como esses acontecimentos o levaram a ser o que é hoje. Assim, foram usadas fontes como livros, artigos, sites e blogs.

No mesmo discurso, a pesquisa documental é fonte de informações que ainda não receberam organização, tratamento analítico e publicação. São documentos oficiais ou não oficiais, tabelas estatísticas, relatórios de empresas, documentos informativos arquivados em repartições públicas, associações, igrejas, hospitais, sindicatos; fotografias, epitáfios, obras originais de qualquer natureza, correspondência pessoal ou comercial, entre outros. A pesquisa documental é a que se serve dessas fontes (SANTOS, 2000).

2.2 Área de Abrangência

A fim de obter os resultados necessários para resolução da pesquisa, foram escolhidos como documentos três pinturas tradicionais japonesas do século XIX que retratam o Período Meiji e o mangá Rurouni Kenshin - Crônicas da Era Meiji (1994-1999), também conhecido no Brasil como Samurai X, de Nobuhiro Watsuki, que narra as aventuras de Kenshin Himura, um ex-samurai que lutou na guerra que deu fim ao sistema feudal japonês.

O uso das pinturas tradicionais como documento fez-se necessário para complementar as informações coletadas a partir da obra de Watsuki, tendo em vista que este último apresenta o Japão durante seus primeiros anos Meiji (1868-1912), onde as características ocidentais ainda não estão consolidadas e aparecem atribuídas apenas a uma parcela restrita da sociedade japonesa. As pinturas foram escolhidas sob o critério de mostrarem o novo estilo de vida japonês e a introdução de novas vestimentas após ser consolidada a Restauração Meiji. Muitas delas chegavam a parecer cartilhas que ditam a nova moda e os costumes. As três pinturas escolhidas para essa pesquisa mostram, respectivamente, a moda feminina no início do governo Meiji, como eram as vestimentas quando os costumes ocidentais se tornaram cotidianos e a preservação dos costumes tradicionais mesmo durante esse cenário ocidental.

Rurouni Kenshin retrata o Japão feudal e o período da ocidentalização após a chegada dos norte-americanos. A partir dele foram recolhidas informações de como era a indumentária utilizada na época, como eram os seus costumes, o comportamento dos japoneses em relação aos estrangeiros e o impacto que a abertura dos portos causou nesse povo.

2.3 Categorias Analíticas

São as categorias aplicadas para classificar, compilando ideias e conceitos, um apanhado de palavras-chave abrangentes em relação ao assunto que está sendo apresentado no trabalho (GONÇALVES, 2005).

A partir disso, as categorias analíticas escolhidas para o presente estudo foram: Japão, indumentária, tradição, abertura dos portos e ocidentalização.

Japão, por ser o local de origem dos eventos investigados; **Indumentária**, no entendimento de Nery (2009) é o retrata os hábitos e costumes do seu povo como um reflexo do desenvolvimento econômico, político e social. As mudanças ocorridas nas vestimentas dos japoneses como reflexo da abertura de seus portos é o foco geral da presente pesquisa; **Tradição**, pois o entendimento do povo japonês e seus costumes auxiliam o compreensão dos objetivos; **Ocidentalização**, é o ato de se tornar ocidental, normalmente realizado de maneira forçada remetendo à colonização mundial ocorrida a partir dos países ocidentais - praticado principalmente pela Europa e Estados Unidos da América -.

2.4 Plano de Coleta de Dados

As etapas de realização da pesquisa foram: 1 - **Levantamento de dados** – visando ter informações visuais de como se encontrava a sociedade japonesa, como era a estrutura do país, das vestimentas, dos costumes; a aplicação desse procedimento se dá através da leitura do mangá Rurouni Kenshin e de três pinturas tradicionais japonesas do século XIX - que retratam o cotidiano da Era Meiji.

2 - **Pesquisa Bibliográfica Específica e Documental** – sobre o estudo bibliográfico, foi feita a seleção e escolha das principais referências bibliográficas que abordassem os temas estudados, como livros, trabalhos acadêmicos, sites que tratam das temáticas da história do Japão, da indumentária, da ocidentalização. Por parte do estudo documental, a complementação imagética dada por parte dos documentos serve como percepção do contexto sociocultural em que se encontra o Japão no momento histórico abordado. Rurouni Kenshin, traz o Japão feudal

e todo o momento do começo da ocidentalização. E as pinturas retratam o crescimento da influência ocidental com o avançar da industrialização.

3 - **Tratamento dos dados** – interpretação dos dados colhidos. Utilizando como base a bibliografia pesquisada e os conhecimentos comuns do Japão, relacionando e analisando a narrativa e os levantamentos da pesquisa documental.

2.5 Tratamento de Dados

Após a leitura dos documentos, foi feita a análise crítica e interpretação dos dados levantados. Observar a indumentária feudal juntamente ao início da introdução da roupa ocidental. Entender de qual forma ela foi feita, a maneira que começou e quem tinha acesso a esta. Depois, verificar de que maneira se instalou no país essa nova forma de se vestir, averiguar o que virou ocidental para esse povo que era tido tão fiel às suas tradições.

Explorar esses dois momentos nos ajuda a entender e responder sobre os questionamentos da permanência ou perda da tradição japonesa. Uma seleção de imagens foi feita para ilustrar as informações adquiridas e a interpretação destas foi feita utilizando o material bibliográfico como suporte para o entendimento da cultura e identificação das diferentes vestimentas japonesas.

3. O JAPÃO

O Japão é um país da Ásia Oriental, localizado no Oceano Pacífico. Os *kanjis*³ que compõem seu nome significam “Origem do Sol”, sendo esta a razão pela qual é conhecido como a “Terra do Sol Nascente”. O Japão é um arquipélago formado por 6.852 ilhas. Segundo pesquisas⁴ feitas em 2018, possuía a décima maior população do mundo, com cerca de 126 milhões de habitantes.

O Budismo e o Xintoísmo são as religiões predominantes no país, com muitas pessoas adeptas às duas crenças simultaneamente, já que no sentido religioso para os japoneses as duas podem coexistir pacificamente, pois seriam complementares. Hoje também existem seguidores do Cristianismo no Japão, mas durante a Era Edo (1603-1867) o cristianismo foi proibido no país, devido ao seu período de isolamento, e todos os cristãos estrangeiros foram perseguidos⁵.

A origem do povo nipônico e sua fala são até os dias atuais incertas e continuam sendo sempre estudadas. Pesquisas indicam que os japoneses são originários de civilizações chegadas da Sibéria no período neolítico. Porém, muitos de seus costumes e estilo de vida foram adaptados dos chineses, como o *kanji*, o uso do *kimono*⁶, a cultura de comer e cultivar arroz, entre outras. De acordo com Yamashiro (1986):

A menção do cultivo do arroz é muito importante e sugestiva, já que a rizicultura se constitui, durante dois milênios, na principal atividade agrícola do povo nipônico, sendo o arroz seu alimento de maior consumo até hoje. O clima e o solo nipônicos são excelentes para a cultura do arroz (...) Originário do sudeste asiático, o arroz chega ao Japão, via sul da China e Coréia, difundindo-se na região oriental do arquipélago (YAMASHIRO, 1986, p. 31).

A história do Japão é marcada por vários acontecimentos políticos sociais e culturais. Sua história se divide em Períodos/Eras que sempre começam/acabam devido algum fato histórico ou com um novo Imperador assumindo o trono. Os períodos mais importantes na sua história são Edo (1603-1867) e Meiji (1868-1912). Edo retrata o período de isolamento japonês, no entanto, com grande desenvolvimento econômico e uma sociedade dividida em quatro classes: camponeses, artesãos, comerciantes e samurais. Afirma Anawalt (2011):

³ Kanji são ideogramas, que constituem o alfabeto japonês, que representa uma ideia completa. Originalmente surgiu na China, mas por volta do século IV foi adotado pelo Japão para compor sua escrita.

⁴ Fonte: <https://data.worldbank.org/country/japan>

⁵ Fonte: <http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/religiao.html>

⁶ Tem como tradução “coisa de vestir”. Refere-se a indumentária típica japonesa que foram adaptados, ao estilo japonês, dos modelos usados na China.

Durante os dois séculos e meio de domínio Tokugawa, os Imperadores distanciaram-se progressivamente da vida política. Graças o seu poder militar, os xoguns tornaram-se príncipes hereditários, governando em nome de uma série de Imperadores enfraquecidos. Abaixo dos xoguns, a sociedade era altamente estratificada e legalmente dividida em classes hereditárias: guerreiros, camponeses, artesãos, comerciantes (ANAWALT, 2011, p. 198).

O declínio dessa Era foi datado em 1853, quando navios americanos chegaram à baía japonesa e exigiram a abertura dos seus portos. Esse acontecimento desencadeou uma sequência de fatos que deram início à Era Meiji, período marcado por transformações políticas, culturais e pela industrialização e ocidentalização japonesa que nos leva ao Japão tecnológico da atualidade.

Com uma vasta história e tradições milenares, os japoneses são disciplinados, preservam sua cultura e orgulham-se do seu país, história e antepassados. Podemos comprovar tal afirmação por atualmente ser um país conhecido como polo da tecnologia mundial, mas ainda assim ter as tradições passadas dos mais velhos para os mais novos, além de vermos a cultura preservada ao andar pelo país e encontrar cidadãos andando pelas ruas de quimono e aprendendo a Cerimônia do chá.

Nas palavras de Sato (2007), o Japão estava trocando sua imagem tradicional - dos samurais, das gueixas e dos quimonos de seda - por uma mais atual cada vez mais ocidentalizada. Esses novos aspectos atraíam a curiosidade dos japoneses, no entanto, o que vemos de mais curioso nesse país é o fato de continuar revelando, no seu dia a dia, aspectos tão antigos quanto os de suas imagens tradicionais.

Segundo a mesma autora, no Japão antigo usava-se apenas o *kimono* e suas variações como indumentária. Porém, com a chegada dos americanos e a abertura dos portos, os japoneses tiveram mais contato com a indumentária ocidental usada pelos estrangeiros. Anos após a introdução dessa nova vestimenta e o processo de adaptação, tais tendências ocidentais foram sendo customizadas pelo povo nipônico de acordo com seus gostos e influências tradicionais.

A moda japonesa é a história de como o conceito de vestir-se nipônico manteve-se por séculos num determinado raciocínio, que foi subitamente alterado pela influência ocidental a partir da segunda metade do século XIX. Desde então, a concepção ocidental de vestir-se causou mudanças de valores, de comportamentos e de estética no Japão. Após rápido e intenso processo de adaptação, depois da 2ª Guerra Mundial o vestuário ocidentalizado japonês, da cópia de modelos e tendências européias vem nas últimas décadas sofrendo influências de conceitos e gostos tradicionais enraizados na cultura japonesa, e que ao ser copiados no ocidente passaram a trazer para a moda de Paris, Londres, Milão e Nova York conceitos japoneses de vestuário (SATO, 2007, p. 195-196).

No entendimento de Sato (2007), os primeiros ocidentais chegaram ao Japão sem obviamente saberem o idioma local, para se comunicarem, perguntavam aos japoneses o que precisavam, porém, no idioma de origem, mas os japoneses não compreendiam. Com esforço perguntavam sobre as roupas que os japoneses vestiam, mas de forma gestual, e foram ouvindo a repetição da palavra *kimono*, cuja tradução literal é “coisa de vestir, roupa”. Dessa forma, a palavra “quimono” transformou-se numa expressão genérica que engloba uma variada gama de peças de vestuário no Japão, e que no conjunto formam um visual considerado típico e tradicional japonês.

Os japoneses, em geral, são muito rigorosos, principalmente quanto às questões culturais como boas maneiras e tradição, no entanto é um povo que gosta de experimentar o novo. Apesar de em 1853 essa aceitação ao novo ser mais lenta, ela ainda existia, mas não significava que não existiam opositores ou mesmo que os assimilaram o novo deixavam de lado os seus próprios costumes e tradições.

Dessa forma, pode-se afirmar que com o tempo e com a permanência dos Estados Unidos no país, os japoneses já estavam acostumados com as “estranhezas” desse povo. Algumas classes e postos políticos tinham optado por aderir ao uso das roupas ocidentais como fardamento. Mostrando como os japoneses são maleáveis e abertos a novos costumes, mas a permanência até hoje da sua tradição confirma o quão são rígidos e conservadores.

O fato de que com o passar do tempo cada vez mais costumes americanos estavam sendo implantados no cotidiano japonês, mostra como esse povo é submisso e leal àquele que o fez dar um passo a caminho do crescimento, no entanto, o movimento contra a intervenção americana, os protestos e a indignação - que existe mesmo atualmente em alguns cidadãos - pelo país ter aceitado a intervenção estrangeira, demonstra como podem ser rancorosos e até mesmo traiçoeiros (BENEDICT, 2002).

3.1 Um país, uma cultura, muitas tradições e a identidade de uma nação

A história do Japão se divide em Períodos/Eras que são um meio de contagem de tempo, no qual é ditado por uma combinação do nome dado à era e aos anos passados dentro desta. Em termos gerais a mudança entre estes períodos é ditada pela ascensão de um novo imperador ou por eventos históricos ou desastres. No entanto, desde 1867 foi adotado um sistema que muda a era apenas a cada mudança de reinado.

As Eras que podem ser ditas como as mais importantes na história japonesa são a Era Edo que vai de 1603 a 1867 e a Era Meiji que vai de 1868 a 1912. As duas respectivamente marcam o fim do período feudal e o início do período contemporâneo japonês.

O Período Edo tem seu início marcado pela ascensão de Tokugawa Ieyasu a *shogun*⁷, nos anos em que se seguiram essa Era o Japão experimentou uma relativa paz, que a fez ficar conhecida como “A Idade da Paz Ininterrupta”. Segundo Anawalt (2011):

Apesar das restrições do período Tokugawa, seu sucesso econômico levou à criação de uma sociedade diversificada, cuja economia aberta minou o velho sistema feudal e favoreceu o crescimento da população urbana (ANAWALT, 2011, p. 199).

Antes de explicar a Era Edo e o Reinado Tokugawa é preciso entender primeiro como se encontrava o Japão de antes desse momento, é necessário tomar conhecimento do que ocorria antes que desencadearam várias das decisões e eventos que viriam acontecer no shogunato⁸ de Tokugawa e que fizeram esse período ser reconhecido como de relativa paz interna.

Para começar, é preciso ter entendimento sobre dois acontecimentos, algumas Eras precedentes à Edo: a Reforma Taika e o Código Taiho. Esses dois eventos foram importantes marcos no cenário político japonês, que a princípio deveriam indicar como seria dado a organização do sistema de poder que centralizava a autoridade imperial, mas o que realmente aconteceu foi o fortalecimento dos aristocratas que viviam ao redor da corte buscando prestígio e poder (SAKURAI, 2018).

A partir desse momento, o poder imperial começou a enfraquecer, e a aristocracia foi ganhando cada vez mais poder. No entanto, quanto maior o poder, maior era o número de pessoas que também iriam querer obtê-lo, o que deu espaço para o aumento das rixas locais e da milícia. Sakurai (2018, p. 79) descreve os samurais no início como “guerreiros rudes, mal armados e treinados, que auxiliam os senhores locais a manter as suas prioridades”, mas com o crescente número de samurais, esses guerreiros deixam de ser apenas ex-agricultores mal armados. E, com o passar do tempo, “esses guerreiros sofisticam seus métodos de luta, os armamentos se aperfeiçoam e, mais que isso, os samurais se tornam uma casta com seu código de valores próprios, o *bushido*”.

⁷ Título conferido pelo imperador aos chefes que iam combater os ezo, no norte de Honshu, ou os rebeldes ao imperador, que significa “Governador militar contra os Bárbaros”. A realidade é que os *shoguns* tornaram-se um tipo de ditadores militar que governavam no lugar do imperador.

⁸ Ou Xogunato é como se refere em português ao termo *bakufu* (“governo coberto”, “tenda do governo”) que alude ao governo comandado por um *shogun*.

Com a centralização e a concentração do poder imperial na capital, as províncias mais distantes acabavam não tendo muito contato com a corte. Como forma de manter uma relação, foram delegados cargos para algumas pessoas, em sua maioria nobres, senhores feudais de posses, para atuar em nome da corte. No entanto, esses funcionários nomeados, longe dos olhos da capital, acabaram tornando-se mais poderosos e influentes nessas províncias que o próprio Imperador. Dessa forma, enquanto o poder imperial enfraquecia, o poder dos clãs guerreiros crescia através das províncias mais afastadas.

Dentro de todo esse contexto de rixas locais, expansão das terras, do poder e da ascensão desses guerreiros que formavam a força militar de aristocratas e poderosos senhores feudais, dois clãs tiveram destaque: os Taira e os Minamoto. Depois de muitos embates entre as duas famílias, com outros clãs menores e as buscas pelo aumento de influência, os Minamotos prevalecem sobre os Taira. Yoritomo Minamoto torna-se o novo senhor do Japão em 1185.

Esse evento leva a ascensão dos *shoguns*, “chefe militar que não substitui o imperador, mas exerce o poder de fato, premiando seus seguidores mais leais com propriedades alienadas dos inimigos e garantindo a eles uma renda” (SAKURAI, 2018, p. 82). Yoritomo Minamoto passa a governar todo o Japão sob o título de xogum⁹ em 1185.

De acordo com escritos da autora Sakurai (2018) com o tempo, devido a invasões, conflitos de interesses, insatisfação da população e a desorganização do poder e do governo, o Japão passou por diversas revoltas internas que levou a um grande período de guerras. Durante esse tempo, algumas partes do Japão voltam aos poucos a manter relações com a China e em meados do século XVI acontece o primeiro contato dos japoneses com estrangeiros europeus.

Ainda no entendimento da autora, cansados das guerras, da desorganização e ao verem como eram estáveis e poderosos o governo de alguns países europeus e da China, o povo japonês viu a necessidade de também buscar um governo centralizado e com estabilidade, dando assim início a Reunificação do Japão, que teve como principais precursores três chefes militares: Oda Nobunaga, Toyotami Hideoshi e Ieyasu Tokugawa. Além da figura simbólica do imperador que foi adicionada para dar corpo ao movimento.

A reunificação foi realizada em três atos, cada um liderado, respectivamente, pelos chefes militares citados anteriormente. Esses três possuíam personalidades bem diferentes que refletiam diretamente nos métodos que usavam para alcançar seus objetivos.

⁹ Forma da escrita em português.

Segundo uma anedota a respeito dos três unificadores do Japão, havia um passarinho preso numa gaiola que não cantava. Oda Nobunaga disse: “Eu vou fazê-lo cantar”; Toyotomi Hideyoshi, por sua vez, declarou: “Eu vou matá-lo se não cantar” e Ieyasu Tokugawa, por fim, ponderou: “Vou esperar até que ele cante” (SAKURAI, 2018, p.109).

Nobunaga vinha de uma família, que apesar de ser proprietária de terras, não possuía muita importância. Seu primeiro passo foi derrotar seus vizinhos, buscando ganho de espaço e poder. Através de seus atos, considerados de glória e grande poder estratégico, foi ganhando o respeito de seus inimigos. Nobunaga sabia que uma unificação consolidada só ocorreria se a oposição fosse mínima e voltou-se também para os assuntos civis.

Após a morte de Nobunaga, foi a vez de Hideyoshi tomar a frente do movimento. Esse por sua vez continuou com os planos que Oda Nobunaga havia começado, sua primeira principal tarefa foi reunir as províncias do oeste que ainda relutavam em reconhecer a autoridade de Nobunaga quando vivo.

Para tanto empreendeu lutas contínuas contra os desafetos da unificação e da legitimação de seu nome como comandante desse processo. Ao final de um ano, tinha pelo menos trinta províncias sob seu controle (SAKURAI, 2018, p. 101).

Hideyoshi também continuou com os atos civis, tentando melhorar a vida da população. No entanto, ele também começou suas próprias investidas em rumo a unificação, consideradas por muitos um tanto ambiciosas. De acordo com Sakurai (2018, p. 108) “iniciou-se um processo de expulsão dos religiosos católicos”, afinal Hideyoshi suspeitava das suas atividades, desconfiando que eles poderiam ser a linha de frente de uma futura invasão. No entanto, tal decisão não foi tomada em cima apenas de suposições, como bem afirma Sakurai (2018):

O argumento usado para justificar a expulsão dos ocidentais dizia respeito ao comércio de escravos: os portugueses estariam levando japoneses como escravos e isso seria imperdoável do ponto de vista das autoridades japonesas. Uma outra resposta está ligada ao fato de que o monoteísmo divulgado pelos ocidentais feria os fundamentos da nação por não se coadunar com a crença do Japão como o berço dos deuses criadores do mundo. Os ocidentais de fato cometeram injúria ao destruir inúmeras imagens religiosas japonesas acusadas de pagãs (SAKURAI, 2018, p. 108).

A tentativa de expansão do território japonês, buscando controle em cima de terras chinesas e coreanas, foi mais uma das investidas iniciadas por Hideyoshi, porém sem retornos muito favoráveis. Após a morte de Hideyoshi seus guerreiros desistiram de tentar novas investidas.

Ieyasu Tokugawa foi o último a tomar a frente da reunificação. Considerado até hoje o maior estrategista japonês, afinal ele foi a peça chave na etapa final e a partir de seus feitos proporcionou que o Japão passasse por três séculos de paz interna.

Tokugawa, além de guerreiro, era também um administrador com visão de estadista. Seu projeto político previa não só a unificação do país, mas a perpetuação da união. A estrutura que monta permite que seus sucessores mantenham controle do território ao mesmo tempo em que garantem a paz interna (SAKURAI, 2018, p. 111).

Um dos principais pontos dessa estrutura consolidada por Tokugawa era a garantia de que o imperador continuaria no seu papel de líder simbólico, envolto da aristocracia que vivia em Kyoto. Fazendo, assim, que o real governo se mantivesse a cargo dos subsequentes *shoguns* em Edo¹⁰.

A Era Edo (1603-1867) também é conhecida pelo forte isolamento político-econômico japonês, quando foi desfeito o acordo comercial que mantinham com a Holanda em 1641. Os cristãos foram expulsos, assim como os portugueses, com quem também mantinham comércio, e os japoneses foram proibidos de sair do Japão, conforme Anawalt (2011):

No século XVII, quando os japoneses perceberam o potencial subversivo da religião europeia, os cristãos foram cruelmente perseguidos e todos os japoneses foram forçados a se filiar a um templo budista. Em seguida, em mais uma atitude radical, os japoneses isolaram-se do resto do mundo: comércio com a Europa praticamente cessou, a população foi proibida de deixar o país e a construção de navios de alto-mar foi interdita. Esse isolamento durou mais de duzentos anos, um período próspero, mas com consequências futuras (ANAWALT, 2011, p. 198).

Durante esse período, a sociedade foi dividida em quatro classes: os camponeses, os artesãos, os comerciantes e os samurais. Quem governava era o *shogun*, o qual era escolhido pelo Imperador. O Imperador era praticamente uma figura decorativa, no entanto sua decisão deveria ser respeitada, pois acreditava que a família imperial era descendente dos deuses. Benedict (2002) afirma que:

Um grande abismo separava os samurais das outras três classes: os fazendeiros, os artesãos e os comerciantes. Estas três últimas constituíam a “gente comum”. Os samurais não eram. As espadas que os samurais usavam como prerrogativa própria e símbolo de casta não eram apenas enfeites. Tinham o direito de usá-las contra a gente comum (BENEDICT, 2002, p. 59).

¹⁰ Edo, até o momento em que Tokugawa decidiu montar sua base no local, era apenas uma pequena aldeia que se localizava mais no centro do território. Com o passar do tempo tornou-se uma das maiores capitais econômicas: Tóquio.

Alguns problemas políticos foram surgindo e tentativas de reformas foram aparecendo, mas logo se dissiparam até que, em 1853, um navio negro movido a vapor aportou à baía de Tóquio e exigiu a tiros de canhões que o Japão abrisse seus portos. Tempos depois, os Estados Unidos conseguiram do *shogun*, que se via diante de uma ameaça bélica, tratados comerciais favoráveis aos interesses dos americanos.

Perry tinha ordens oficiais para pedir três coisas: tratamento mais humano para os náufragos, abertura dos portos para aprovisionamento e fornecimento de combustível e uma idêntica abertura ao comércio. Era um homem determinado, disposto a usar a força, se necessário fosse, e teve o cuidado de se certificar de que os Japoneses estavam cientes da sua determinação e armamento... O xogunato tomou mesmo a iniciativa sem precedentes e humilhante de solicitar a opinião dos dáimios¹¹. No entanto, foi, de facto, incapaz de resistir. Quando Perry regressou, em fevereiro de 1854, com uma frota maior de nove navios, o xogunato concordou com o tratado (HENSHALL, 2014, p. 96).

Com essa decorrência dos fatos, em 1867, o Japão entrou em uma nova guerra civil. De um lado os que defendiam a expulsão dos estrangeiros e o endurecimento do sistema *shogunal*, e do outro, aqueles que defendiam a extinção desse sistema e a total devolução do poder ao Imperador e que a industrialização do país ocorresse a um modelo ocidental.

A guerra terminou com a vitória dos que defendiam o Imperador, o fim da Era Edo (1603-1867) e conseqüentemente o fim do período feudal japonês dando início a era contemporânea e ao Período Meiji (1868-1912).

¹¹ “Grande nomes”. Título dado a todos os senhores que governavam grandes territórios e que tinham um grande número de vassallos.

4. O PAÍS ABRE AS PORTAS À MODERNIZAÇÃO

O tratado com os norte-americanos abriu espaço para outros países ocidentais voltarem-se para o Japão e buscarem fechar acordos parecidos. Henshall (2014) fala que cada concessão feita direcionava a outras semelhantes aos demais países que se dotavam com o status de “nação mais favorecida”. Tais subvenções fizeram com que os japoneses perdessem o controle sobre esses tratados desiguais impostos sobre seu país, ferindo seu orgulho e os fazendo sentir-se humilhados, afinal não eram eles o povo que advinha dos deuses?

Concessão particularmente vexatória era o direito de extraterritorialidade, segundo o qual os estrangeiros que transgredissem a lei eram julgados pelo seu próprio cônsul, e não pelas autoridades legais da nação de acolhimento. Tal significava, claramente, relegar o Japão para um estatuto de “nação não civilizada”, o que ofendeu bastante o orgulho e a sensibilidade dos Japoneses, porque eram os diabos estrangeiros, e não eles, que supostamente eram bárbaros (HENSHALL, 2014, p. 97).

Dessa forma, a humilhação sentida pela população, junto da incapacidade do *shogun* de lidar com a “ameaça” estrangeira, mesmo esse tendo como função ser o protetor militar do Japão, fez com que aumentasse o descontentamento com o shogunato e crescesse o número de opositores a esse sistema e aos Tokugawa.

Esses opositores, segundo Henshall (2014, p. 97), eram “uma mistura de oportunismo político e genuína preocupação com o bem-estar da nação”. Os nacionalistas de Choshu e Satsuma, extensos e poderosos domínios, já possuíam antipatia pelo shogunato, juntos formaram uma aliança com o auxílio de Iwakura Tomomi, nobre da corte com ligações a Choshu que conseguiu um rescrito imperial que apelava o fim do shogunato. Apesar de ainda existir defensores do sistema, após um período de resistência e indecisão, o atual *shogun*, Yoshinobu, aceitou o rescrito (HENSHALL, 2014).

Com a renúncia do último *shogun* da Era Tokugawa, dinastia que governou por duzentos e sessenta anos, o poder voltou à corte japonesa e Mutsuhito, que então estava com quinze anos, subiu ao trono como 122º imperador do Japão e decretou o fim do feudalismo japonês.

4.1 “O Governo Iluminado” - a Industrialização e a Ocidentalização

Deu-se início a Era Meiji (1868-1912), primeiro período do Império no Japão, essa fase foi extremamente importante para o desenvolvimento do país, por representar um tempo de transformações políticas, econômicas e sociais. Foi durante esse período também que o Japão tornou-se uma das grandes potências mundiais capitalistas.

Os navios estrangeiros começaram a desafiar sistematicamente o isolamento do país. Finalmente em 1853, o comandante da marinha norte-americana Matthew Perry forçou a abertura de relações com o Japão. Pouco depois o xogunato Tokugawa caiu, o feudalismo foi abolido e o poder foi devolvido à corte imperial. Deu-se início à Restauração Meiji (“governo esclarecido”, 1868 – 1912), sob o comando do jovem e talentoso imperador Matsuhito (ANAWALT, 2011, p. 199).

Era pouco provável que sem um conselho Matsuhito conseguisse com sua pouca idade assumir e exercer seu “poder iluminado”, também não é inesperado que este fosse formado pelos líderes da aliança que buscou a “restauração imperial”, mais os líderes de alguns outros domínios e alguns nobres da corte.

De Satsuma vieram Okubo Toshimichi (1830-1878), Saigo Takamori (1827-1877) e Matsukata Masayoshi (1835-1924). De Choshu Kido Koin (1833-1877), Inoue Kaoru (1835-1915), Ito Hirobume (1841-1909) e Yamagata Aritomo (1838-1922). Eram todos novos, a maioria na casa dos trinta (HENSHALL, 2014, p. 107).

Esse grupo pouco comum formado de personalidades antes rivais, mas que se juntaram em prol do “bem maior da nação”, para a felicidade da população possuíam uma maturidade e sabedoria maior do que era esperado para a pouca idade que tinham e, felizmente para família imperial, Matsuhito fez o que lhe disseram.

O primeiro passo era consolidar o novo regime. Havia passado muitos acontecimentos turbulentos que deixou a população, que já estava desestabilizada, alarmada. Muitas mudanças estavam acontecendo ao mundo dos japoneses, que antes era considerado por eles estabilizado por terem vivido longos tempos de paz interna. O reflexo ao golpe e outros acontecimentos foi uma espécie de histeria em massa. Nesse momento, o que o povo mais precisava saber era que a estabilidade - pois era o que mais lhes importavam, ainda mais que o poder do imperador - tinha sido restabelecida (HENSHALL, 2014).

No ano de 1868 foi anunciada a Restauração Meiji. As classes foram abolidas, e os samurais perderam seus privilégios e lugar na nova sociedade japonesa. Com a instalação da restauração, os samurais perderam o direito de conservar suas tradições seculares, foram proibidos de usar suas *katanas*¹² e seu lugar de guarda e conselheiros do Imperador, que por sua vez preferiu cercar-se por conselheiros e guardas vindos da América e da Europa, ou homens treinados por estrangeiros ocidentais.

Mas a Restauração Meiji é mais do que isso. Ela se pauta por reformas internas cujo objetivo é adaptar o Japão às exigências do mundo na época. Trata-se de um profundo redimensionamento das forças sociais no cenário político-econômico levado a cabo

¹² “Sabre” ou espada com um único gume do lado convexo da lâmina, carregado na faixa da cintura (obi), com o lado cortante para cima, pelos *samurais*.

pela elite do país (grandes senhores capitalizados, grandes negociantes, intelectuais e tecnocratas de famílias poderosas) a partir de uma escolha: participar com alguma força no circuito capitalista. Assim, a ideia é criar uma sociedade com condições de inserção e competitividade no mercado mundial. O Japão corre contra o relógio para, em poucos anos adaptar-se aos padrões ocidentais que dão as cartas naquele momento (SAKURAI, 2018, p. 133).

Dessa maneira, fica claro que em momento nenhum os japoneses pretendiam se submeter aos ocidentais. Mas sim que viram naquele povo um meio de tornarem-se melhores e mais evoluídos, eles queriam tomar tudo o que pudessem como ensinamento. Até porque, evoluir e se modernizar tal como os ocidentais era a melhor forma de evitar que fossem dominados por eles. Henshall (2018, p.108-109), diz que o imperador Matsuhito e seus conselheiros publicaram uma Carta de Juramento (de Cinco Artigos), na qual o ultimo pronto prometia: “procurar obter conhecimento em todo o mundo para fortalecer o país (ou, mais literalmente, ‘para fortalecer as bases do poder imperial’)”.

Tornava-se evidente, a partir desse quinto artigo, que o novo governo não tencionava fazer frente à ameaça do estrangeiro, mas sim aprender com ele e integrar os seus pontos fortes. O anterior lema xenófobo ‘Sonno Joi’ (‘Reverenciemos o imperador, expulsemos os bárbaros’) seria em breve substituído por outro mais pragmáticos e construtivos como ‘Wakon Yosai’ (‘Espírito Japonês, Ensino Ocidental’) (HENSHALL, 2014, p. 109).

Com o tempo, o Japão foi sofrendo modificações para que pudesse vir a conviver com o sistema capitalista. Apesar de não terem um plano traçado, os detentores do poder sabiam da necessidade de um esforço nacional que envolvia toda a população. No entanto, existiam diversas lideranças que divergiam entre si e não apenas um líder para o comando. Como resposta e em busca da reformulação do antigo sistema, foi adotado dois grandes blocos de medidas - de cunho social e de cunho econômico - dando, assim, um passo em direção a modernização japonesa.

Essas medidas basearam-se em observações feitas por técnicos japoneses enviados ao exterior para aprender com os europeus e americanos. Os japoneses também ouviram o que tinham a dizer os peritos e consultores estrangeiros trazidos ao país. Compararam, refletiram sobre os prós e contras e fizeram suas opções diante dos modelos existentes (SAKURAI, 2018, p. 133).

Uma reforma agrária e novas leis referentes ao imposto territorial foram implantadas. O governo começou a apoiar a iniciativa privada como tentativa de dar um novo direcionamento à economia. Como medidas para controle da economia do país, foi criado os ministérios. O primeiro foi o Ministério do Trabalho (1870), seguido pelo do Interior (1874), e o da

Agricultura e Comércio (1881), esses, além de tudo, ficaram responsáveis por estabelecer regras com relação ao funcionamento interno do país.

O Banco do Japão foi construído em 1882, juntamente com a criação da moeda oficial japonesa, o *Iene*. Antes da sua criação, o sistema financeiro sobrevivia com o Banco Nacional que tinha sido criado em 1873 (SAKURAI, 2018). Uma das primeiras medidas de cunho social foi a abolição das classes, todos passaram a ser considerados cidadãos com direitos e deveres. No entendimento de Sakurai (2018), o direito de cidadania à toda população, foi imprescindível para a instauração da modernidade. Tal mudança trazia benefícios econômicos, educacionais e políticos que favorecia os planos do governo japonês.

Pode-se dizer que a Restauração Meiji foi mais uma adaptação que uma revolução, mais foi bastante radical em sua exigência por mudanças. Num tempo relativamente curto, o Japão Meiji desenvolve um Estado e uma nação de aceções modernas. (SAKURAI, 2018, p. 134).

Em 1870, tornou-se obrigatório cada família possuir um sobrenome próprio. Antes, o local de nascimento, ocupação ou o sobrenome da família dos seus senhores era a forma de identificação das pessoas de classes mais baixas. Em 1872, foi o início da educação compulsória, a educação primária foi tornada obrigatória e a maioria da população era alfabetizada.

Em 1889, foi promulgada a Constituição do Império do Grande Japão e, no ano seguinte, o Edito da Educação. Esses documentos legalizaram o peculiar processo de modernização do Japão desencadeado desde a volta do imperador ao centro do poder (SAKURAI, 2018, p. 141).

A restauração trouxe grandes mudanças à sociedade japonesa e entre as mais importantes estão o desenvolvimento industrial e a retomada da comunicação com outras nações ocidentais além dos Estados Unidos, tornando assim a cultura estrangeira como o modelo padrão da nova vida japonesa. Trazendo de fora não apenas tecnologia, como também a moda, os moldes de etiqueta e os moldes de governo.

4.2 Missão Iwakura

Essa necessidade de industrializar-se rapidamente na Era Meiji (1868-1912) fez com que um período de transformações intensas e radicais, que até hoje foi datada como a maior de toda a sua história, ocorresse no Japão. Em 1871, o governo japonês enviou uma missão diplomática nomeada de Missão Iwakura, dirigida por Iwakura Tomomi, ministro das Relações

Exteriores. Apesar de não ser a única missão de mesma vertente a ocorrer, foi a mais conhecida e possivelmente a mais importante para a modernização do país após o longo período de isolamento.

A missão teve seu início do dia 23 de dezembro de 1871, partindo de Yokohama reunindo cerca de 50 burocratas e 59 estudantes - incluindo meninas com idade de 6 a 15 anos -, dentre estes encontravam-se também Kido Koin e Ito Hirobumi, membros do conselho pessoal do imperador Matsuhito (FRÉDÉRIC, 2008).

Essa missão foi um dos maiores meios utilizados pelo governo japonês para tornar cada vez mais possível a modernização do país. Embora já tivesse ocorrido outras missões para estudar a medicina e o direito, ou em busca de conhecimento sobre tecnologia para poderem construir seus próprios maquinários e navios, nenhuma reuniu informações tão diversas como a liderada por Iwakura. Dessa vez, os japoneses queriam saber sobre o que acontecia e como funcionava cada área da vida dos ocidentais, não só seus governos e exércitos foram avaliados e estudados, seu estilo de vida também.

No entanto, enquanto Iwakura não regressava com o novo conhecimento, e mesmo posteriormente, o governo japonês contratava consultores estrangeiros para cuidar e lhes auxiliar em assuntos que ainda não dominavam por completo e para ministrar aulas aos japoneses. A realidade é que os japoneses usavam esses momentos como oportunidade de absorver todo o conhecimento possível que essas pessoas tinham para eles mesmos.

Os consultores recebiam altos salários, mas eram demitidos assim que os japoneses tornavam-se aptos a executar a sua tarefa. O objetivo implícito das autoridades era 'usar os bárbaros para controlar os bárbaros' (SAKURAI, 2018, p. 152).

Após cerca de três anos de viagens pelos Estados Unidos e pela Europa a missão terminou. Na sua volta, em 13 de setembro de 1873, os enviados levaram consigo informações sobre como era o funcionamento dos países onde estiveram. Nos anos seguintes, foi introduzida uma série de reformas nas intuições japonesas, que iam da economia até o estilo de vida dos japoneses.

Houve a criação de um exército moderno e de universidades baseadas, principalmente, no modelo alemão, a adoção de um código civil baseado no Napoleônico, a constituição imperial com traços russos, os conservatórios de música e as academias de arte como as encontradas na França (SATO, 2007).

Os enviados tiveram contato com diversos líderes importantes dos países pelos quais passavam. Ao voltarem ao seu país, com todas as vivências e conhecimentos que tinham obtido,

possuíam muito o que relatar ao imperador e ensinamentos para passar ao seu povo. Assim, ao longo de 1878, as anotações feitas no decorrer do percurso pelo exterior foram transformadas em publicações, que renderam um total de oito volumes (SAKURAI, 2018).

Dentre os registros haviam relatos, sob o ponto de vista dos enviados, do modo que os Ocidentais haviam se modernizado e o grande caminho que o Japão ainda teria que percorrer. Esses escritos, além disso, abordavam o estilo de vida, etiqueta e o vestuário ocidental, afinal a moda e a etiqueta não foram esquecidas no novo estilo de vida japonês. Posteriormente, foram desenhadas cartilhas sobre o vestuário e a etiqueta com a finalidade de que a população aprendesse a usar roupas europeias e a como se portar.

5. OCIDENTALIZAÇÃO: ACEITAÇÃO OU TOLERÂNCIA

A população japonesa, a princípio, desconfiava daqueles homens estrangeiros vestidos de terno e de preto andando pelas ruas, mas com o tempo a curiosidade foi tomando aquelas pessoas que até pouco tempo não tinham nenhum contato com outro povo que não fosse o seu, e passaram a apreciar as novidades tecnológicas levadas pelos ocidentais.

Em contraponto, outra parte da população japonesa, alguns camponeses, comerciantes e principalmente os *ronins* (samurais sem senhor) não conseguiam se adaptar a toda aquela mudança que vinham ocorrendo no seu país e passaram a considerar a rápida mudança como uma desgraça ao seu povo, uma perda de sua cultura, tradição e liberdade (HENSHALL, 2014).

O fim da guerra que deu início a Era Meiji¹³ (1868-1912) por si não foi o suficiente para que o conflito político-ideológico também chegasse ao final. E nos anos que se sucederam o Japão viu-se dividido entre tradicionalistas e ocidentalizados. O filme “O Último Samurai” é uma ajuda para saber mais sobre o assunto, com exceção do personagem de Tom Cruise, todo o filme é baseado em fatos históricos¹⁴ e retrata bem esse período da divisão japonesa, a guerra de 1877, última e mais importante de uma série de revoltas contra o governo e a modernização, que resultou no real fim dos samurais e na completa industrialização japonesa.

Durante cem anos, essa situação fez com que o debate entre tradição e ocidentalização tivesse defensores extremados em ambos os lados. A rápida industrialização fez com que uma classe emergente, formada por comerciantes, industriais e banqueiros, surgisse, chamados de *narikins* (novos-ricos) que seguiam à risca a cartilha da ocidentalização disponibilizada pelo governo após a missão Iwakura. As mulheres vestiam-se de acordo com a última moda de Paris e os homens seguiam as últimas tendências de Londres. Os *narikins*, considerados a nova elite do país, desprezavam tudo que remetia aos “velhos tempos” e às tradições como usar quimonos e aprender a etiqueta da cerimônia do chá.

Sob uma relativa aparência liberal o ultranacionalismo crescia na sociedade japonesa da época, canalizando rancores populares há anos alimentados pelas pressões das potências ocidentais e frustrações do povo com o governo civil. O imperador Taisho, filho do imperador Meiji, assumiu o trono em 1912 mas faltava a ele autoridade e as habilidades do pai, o que permitiu que o meio político se tornasse instável e a corrupção uma regra. Apesar do grande crescimento econômico do país os benefícios tinham ficado nas mãos de poucos *nakirins* e *zaibatsus* (conglomerados empresariais familiares), e tanto políticos como empresários pouco se importavam com o aumento da pobreza nas cidades e no campo (SATO, 207, p. 211).

¹³ Guerra civil que durou até 1869 como forma de resistência a restauração do poder imperial. Esse período de conflitos ficou conhecido como Bakumatsu, seu fim marca o verdadeiro início da era Meiji.

¹⁴ Fonte: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-46943/>>. Acessado em 30 de janeiro de 2017.

Por outro lado, o isolamento do Japão durante o período Edo (1603-1867), trouxe a maioria dos japoneses o orgulho do seu país, da sua cultura e tradições e carregavam consigo o lema “Não esquecer que somos e nem de onde viemos”. Essa parte da população era constituída por membros da aristocracia, membros do *old money nipônico* e pessoas comuns, era feito o lado dos tradicionalistas. Essas pessoas viam os *narikins* como uma desonra ao Japão e as tradições japonesas. As roupas ocidentais possuíam um valor elevado, então o visual ocidental tornou-se sinônimo de gente rica, mas nem sempre culta ou educada de acordo com originais padrões japoneses, que mesmo com a modernização ocidental continuava praticamente intocada (SATO, 2007).

Figura 1 - Fotografia do novo cotidiano japonês por Kusakabe Kimbei¹⁵



Fonte: Naver¹⁶

No entendimento de Sakurai (2018), o povo japonês e sua cultura estavam inseridos num mundo de trocas culturais. Era comum referir-se ao Japão como um local de convívio de extremos - tradição e modernidade -. A “tradição” dita nesse caso representa a sobrevivência de aspectos do mundo japonês e a “modernidade” não apenas a incorporação, mas a adaptação dos aspectos entendidos como “vindo de fora”. A questão da proporção não resolvida entre um e outro gerava um verdadeiro problema para os japoneses, principalmente aqueles que não aceitavam a extrema ocidentalização.

¹⁵ As fotografias da época eram em preto e branco, mas as transformava em colorida usando tinta aquarela.

¹⁶ Disponível em: <<https://matome.naver.jp/odai/2140232793247212301?&page=1>>. Acesso em: 20/10/2019.

No século XX, o caso mais famoso devido a esse conflito de valores foi o do escritor Yukio Mishima, em 1970 como forma de protesto contra o excesso de ocidentalização cometeu *seppuku*, ação do código de honra dos samurais que se resumia em um corte no ventre, como o próprio nome literalmente significa, na sede das Forças de Defesa do Japão com o objetivo de tirar sua vida em prol de manter sua honra (SAKURAI, 2018).

5.1 A indumentária japonesa: do tradicionalismo à ocidentalização

Datadas no período primitivo encontram-se os primeiros indícios de uma indumentária japonesa, onde se utilizavam roupas feitas a partir da pele de animais e posteriormente túnicas tramadas com fibras vegetais, adaptadas pelos povos do período Jomon (8000 - 4000 a.C). Com a chegada de povos mais “evoluídos” (como chineses e coreanos), os japoneses passaram a empregar materiais e modelagens refinadas na sua indumentária, dando origem ao que conhecemos atualmente por “quimono¹⁷”, peça que se adaptava a cada período em que era utilizado e de acordo com suas necessidades (HENSHALL, 2014).

Em sua grande maioria, a história do vestuário japonês é dada pela evolução do *kosode* (quimono) e como os japoneses adaptaram a seus gostos e necessidades. Por volta dos séculos IV a IX, a cultura e a Corte Imperial japonesa receberam forte influência chinesa. Interessados pela recém-chegada da religião budista e pelo sistema de governo da corte chinesa, o príncipe regente japonês optou por adotar as regras de vestuário do estilo chinês. Posteriormente, as roupas na corte mudaram e foram divididas em roupas cerimoniais, roupas de corte e roupas de trabalho. Foi durante esse período que o Japão passou a usar seus primeiros *kosodes*, adaptados ao seu estilo, adição de uma gola “V”, mas ainda sim similares aos usados na China (SATO, 2007).

¹⁷ Forma ocidental da escrita

Figura 2 - Gueixa usando um tradicional kimono japonês nos dias atuais



Fonte: Best of Asia Travel¹⁸

Somente com a Era Meiji (1868-1912), com a reabertura dos portos e a chegada dos ocidentais, que vieram a aparecer mudanças mais profundas e significativas na indumentária japonesa. No início do período Meiji, a roupa predominante ainda era o quimono, no entanto, com a industrialização, os novos estilos de vida e a implantação de uma moda ao estilo europeu, os policiais, as pessoas que trabalhavam para os serviços do governo, dos correios e dos militares passaram a adotar uniformes de estilo ocidental.

Segundo um artigo sobre moda japonesa publicado no site da Embaixada do Japão no Brasil, um decreto federal editado na Restauração Meiji (1868) obrigou que todos os uniformes dos funcionários públicos, civil ou militar, adotassem a moda estilo ocidental. Após o final da I Guerra Mundial, os homens usavam ternos, camisas, calças e sapatos de couro. Quanto às mulheres, a aristocracia começou adotando vestidos de gala, importados da Europa, em reuniões formais na corte Meiji e nos bailes do suntuoso salão Rokumeikan (de 1883 a 1889). Após a I Guerra Mundial, as mulheres mais instruídas e com profissões urbanas usavam roupas ocidentais diariamente, o que só foi adotado por todos os gêneros e todas as classes sociais após a II Guerra Mundial (1945). As monpe, calças largas, obrigatórias nos trabalhos relacionados à guerra, foram substituídas pelas grandes saias estreitas na cintura e largas na parte inferior, usadas com cintos largos.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.phuketon.com/category/bangkok/>>. Acesso em: 20/10/2019.

Isso gerou um ímpeto particularmente forte às grandes mudanças que foram introduzidas com o tempo no Japão e na maneira de vestir dos japoneses. Por muitas vezes eram vistos uma mistura dos dois estilos, principalmente pelos homens, que muitas vezes para ocasiões formais vestiam o *haori* (jaleco tradicional que se usava por cima do quimono), *hakama* (calça larga), *keikogi* (espécie de quimono mais curto como se fosse uma blusa para usar junto do *hakama*) e os chapéus de estilo ocidental.

Figura 3 - Encontro dos dois estilos



Fonte: L'atelier¹⁹

Assim, no século XIX foi criada a expressão *wafuku* para se designar as roupas de características japonesas e *yofuku* para se referir as roupas ocidentais (SATO, 2007). Na era Showa (1926-1989), as roupas ocidentais já faziam parte constantemente do cotidiano da população japonesa. Os homens, em sua grande maioria, usavam roupas do tipo ocidentais, e os trajes de negócios se tornaram padrão entre os funcionários de empresas. As mulheres que trabalhavam fora de casa e até mesmo as que apenas viviam em suas casas começaram aos poucos a adotar o estilo ocidental.

As mulheres japonesas demoraram mais que os homens para adotar realmente o estilo *yofuku*. Somente com o final da Segunda Guerra Mundial que as mulheres deixaram de usar as roupas ocidentais por obrigação, para usar por estarem encantadas com o estilo chamado

¹⁹Disponível em: <<https://fujiwara57.tumblr.com/post/182471499138/photographies-p%C3%A9riodes-taish%C5%8D-jidai-%E5%A4%A7%E6%AD%A3%E6%99%82%E4%BB%A3>>. Acesso em: 20/10/2019.

“americano”²⁰, grandes saias estreitas na cintura e largas na parte inferior, e com cintos amplos. Posteriormente, os filmes norte-americanos e europeus dos anos 1950 foram os grandes ditadores de modas passageiras, ou não, no Japão. De acordo com dados na Embaixada do Japão no Brasil²¹, foi a partir desse momento que as culturas estrangeiras passaram a ser absorvidas com avidez pela população japonesa.

Para as mulheres, as roupas ocidentais são sinônimos de praticidade e *yume* (sonho), seja de romantismo ou consumo, que traz diferenças nas cores, nas estampas e nas composições das roupas ocidentais japonesas, que possuem uma grande quantidade de tons pastéis, estampas florais e laços nas roupas, em contraponto com as europeias em que esses elementos só estão presentes quando é tendência no momento (SATO, 2007).

No entanto, é importante deixar claro que o quimono e suas variações não se tornou um traje folclórico, pois nunca deixou de ser usado e de evoluir. O quimono está ligado à religião xintoísta e aos fundamentos da filosofia e da cultura japonesa, de tal maneira que vestir um quimono errado chega a ser um insulto aos japoneses.

Figura 4 - *Kimono*



Fonte: Modern Archive²²

²⁰ Estilo popularizado por Christian Dior nos anos pós-Segunda Guerra.

²¹ Disponível em: <<https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/moda.html>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2019.

²² Disponível em: <https://modernarchive.de/?utm_medium=social&utm_source=pinterest&utm_campaign=tailwind_smartloop&utm_content=smartloop&utm_term=31270078>. Acesso em: 20/10/2019.

Ademais, os quimonos ainda fazem parte do senso de moda japonês e continuam evoluindo à medida que os gostos e estilos de vida estão se transformando no Japão moderno, de tal maneira que alguns chegam a ser quase obras de artes, como os quimonos de seda que são inteiramente feitos à mão e não são feitos duas peças iguais. Como afirma Sato (2007):

Pode ser que a nostalgia careça de otimismo progressista nos tempos do milagre econômico, mas ela está beneficiando a retomada do quimono no cotidiano japonês à medida em que as características e a estética da vestimenta tradicional voltam a ser valorizadas. Há também os que acham que a ocidentalização dos costumes o Japão foi excessiva, e que na retomada dos aspectos da cultura tradicional uma parte da identidade japonesa afetada no pós-guerra será recuperada (SATO, 2007, p. 230-231).

Dessa forma, pode-se perceber que apesar do receio japonês com aquele novo modo de se vestir, com o passar do tempo foi ocorrendo uma melhor aceitação por aquelas roupas, inicialmente com os homens e logo após as mulheres que não apenas aceitaram, mas foram obtendo desejo por aquelas roupas e pela moda estrangeira em geral.

6. RUROUNI KENSHIN: CRÔNICAS DA ERA MEIJI

Durante os últimos anos da Era Tokugawa (1603-1867) e os primeiros que sucederam Meiji (1868-1912), os dois lados - os que defendiam o *shogun* e aqueles que lutavam pelo imperador - que batalhavam durante o *bakumatsu*²³ lutavam por uma “nova era”, cada um com seus ideais. Aqueles que queriam a permanência do shogunato desejavam a expulsão dos estrangeiros que estavam a perturbar o equilíbrio do Japão e tornar ainda mais rígido o isolamento, além de fortalecer o poder japonês.

Os que estavam do lado do imperador buscavam uma era de paz e igualdade, uma “tranquilidade” que a muito não se via no governo Tokugawa pelos japoneses. Ademais, também procuravam o fortalecimento e crescimento da nação japonesa, mas, diferente dos nacionalistas do *shogun*, pensavam na modernização do Japão através do conhecimento e métodos ocidentais²⁴.

Por muito, essa foi a realidade no Japão, dois lados guerreando pela sua própria visão de nacionalismo e do que seria melhor para o país. Aqueles que apoiavam o poder imperial venceram e a autoridade do imperador foi restaurada, porém as lutas e oposições a ocidentalização continuaram a acontecer enquanto a modernização lentamente iniciava e ganhava força (SAKURAI, 2018). Nesse contexto se ambienta a história do mangá Rurouni Kenshin: Crônicas da Era Meiji (1994-1999)²⁵, de Nobuhiro Watsuki, principal documento desta presente pesquisa.

A obra narra as aventuras de Himura Kenshin²⁶, um homem que proibiu a si mesmo de matar pessoas. Na verdade, ele é *Battousai*, o Retalhador, um dos monarquistas que abriu caminho para uma nova era na história do Japão, durante o *Bakumatsu* – guerra que deu fim ao sistema feudal no qual o país estava mergulhado havia séculos. Kenshin abandonou as batalhas e se tornou um pacífico andarilho²⁷.

Depois de dez anos peregrinando pelo Japão, *Battousai* encontra no Dojo Kamiya, da bela e explosiva Kaoru, o lar que nunca teve. Sua fama e seu passado, porém, jamais o abandonaram. Ele conta ainda com novos inimigos que surgem para desafiar o lendário

²³ “Fim do bakufu”. Termo que designa o período de instabilidade do shogunato Tokugawa, entre os anos 1850 e 1868.

²⁴ Fonte: WATSUKI, Nobuhiro. Rurouni Kenshin: Crônicas da Era Meiji. JBC, 2012 - 2014.

²⁵ Data da publicação original japonesa pela revista Weekly Shonen Jump, da editora Shueisha.

²⁶ Kenshin, que tem como significado “espírito da espada”, é o nome do personagem e Himura seu sobrenome. No Japão, a escrita do nome é feita por sobrenome+nome, diferente do Brasil que é nome+sobrenome.

²⁷ Rurouni no original. Na verdade, essa palavra não existe em japonês, este termo é um trocadilho que o autor fez com a palavra “ronin” que são samurais sem um senhor a quem servir ou que perderam a sua honra.

Retalhador. Para manter a sua promessa de não matar e ainda proteger seus amigos, o herói carrega consigo uma *Sakabatou* (espada de lâmina invertida), com a qual enfrenta seus novos desafios.²⁸

Rurouni Kenshin é um mangá shounen²⁹ com abordagem histórica, apesar de ser direcionado para um público mais jovem, a forma como Watsuki trabalha de forma tão profunda o psicológico de alguns personagens e a história o deixam semelhante a um mangá seinen³⁰, que é voltado para um público mais adulto. O valor histórico encontrado na obra não está presente só por se situar nos primeiros anos da Era Meiji (1868-1912) e falar de samurais, o autor vai além na história e não traz apenas uma visão superficial sobre o que se passava durante aquele período, muitos dos personagens que aparecem na história são personalidades que realmente existiram no Japão de Meiji, outros são inspirados em algumas dessas pessoas e alguns acontecimentos no desenrolar da obra também foram baseados em fatos reais, sendo sempre apresentados e contextualizados pelo autor.

A fidelidade da obra com a realidade pela qual o país passava a torna uma fonte para retirar informações através dos seus capítulos sobre de que forma ocorreram as mudanças, trazidas pela ocidentalização, na indumentária e no estilo de vida dos japoneses.

6.1 Tóquio 1878 - décimo primeiro ano da Era Meiji: sociedade e costumes

O enredo começa com uma contextualização histórica, direcionando o leitor ao período que se encontra o Japão na obra, sendo este os primeiros anos da Era Meiji (1868-1912). Durante todo o mangá, Watsuki faz breves explicações sobre as circunstâncias em que o Japão se encontrava de forma a facilitar o entendimento da história, e das escolhas ou condições em que se encontravam os personagens. Ademais, sempre que era introduzido algum fato real no enredo, seja como um personagem ou um evento, o autor faz uma explicação histórica sobre ele.

No decorrer, são apresentados alguns dos personagens principais e as convicções de cada um na nova era que tinha se iniciado, tanto dos protagonistas - Kenshin, Kaoru, Sanosuke, Yahiko (personagens principais que foram focados na pesquisa) - como dos antagonistas da história - o traficante Kanryu e o grupo Juppongatana³¹. Estes últimos podem ser divididos de

²⁸ Resumo retirado da editora JBC responsável pela publicação brasileira da obra desde 2001.

²⁹ Shonen significa garoto, e é termo utilizado para classificar as revistas ou mangás direcionados ao público jovem masculino, em média entre 12 a 18 anos.

³⁰ Seinen é direcionado para o público masculino adulto entre 18 a 40 anos.

³¹ Existem outros antagonistas na série, mas esses dois foram escolhidos para análise.

duas formas dentro da obra, aqueles que iam contra a Era Meiji, o fim do shogunato³² e a abolição dos samurais. Eles tinham como principal pensamento que o Japão tinha caído em desonra, e possuíam como objetivo o fim do novo governo. Eles representam os japoneses que não conseguiam deixar as antigas tradições e costumes de lado para aceitar a introdução dos aspectos ocidentais na sua cultura.

Figura 5 - Grupo Juppongatana³³



Fonte: Amino³⁴

O outro perfil de antagonistas é o oposto do primeiro. Esses são pessoas que viram na ocidentalização uma forma de ganhar dinheiro, sobretudo de forma ilegal, sendo eles traficantes de ópio, armas e integrantes da máfia. Tais pessoas representavam uma ameaça diferente ao governo, perturbando a ordem e a população. O poder imperial que estava começando a se consolidar não podia mostrar à população que não estava sobre o controle de toda a situação do país, pois, como foi dito anteriormente, nesse momento os japoneses queriam ter como certeza que a estabilidade tinha sido restabelecida.

³² Governo comandado por um *shogun*.

³³ Principais antagonistas do primeiro grande arco, que corresponde aos capítulos 48 até 151.

³⁴ Disponível em: <https://aminoapps.com/c/otanix/page/item/makoto-shishio/JKXN_PwcMIIVanxgG5IEEv7MNelmPo4eQ3>. Acesso em: 30/11/19.

Figura 6 – O traficante de drogas Takeda Kanryu

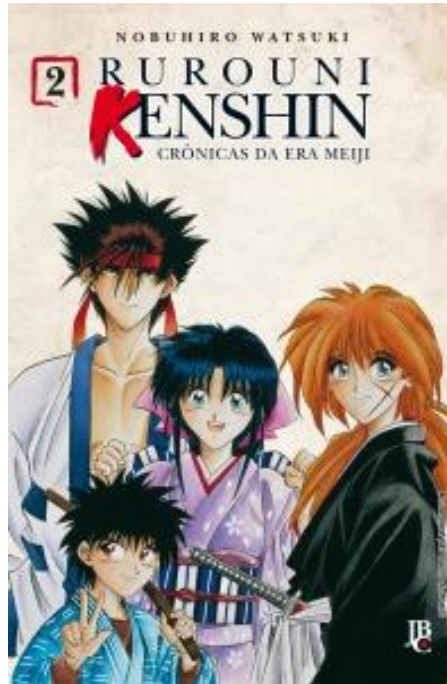


Fonte: WATSUKI, Nobuhiro, Samurai X, Vol. 4. 2013

Por sua vez, Kenshin, Kaoru, Sanosuke e Yahiko, apesar das suas diferenças, podemos dizer que juntos representam a outra parte da população japonesa: os que estava tentando seguir em frente após o *bakumatsu*³⁵ e acreditando que a nova era traria tempos de paz e igualdade para os japoneses.

³⁵ “Fim do bakufu”. Termo que designa o período de instabilidade do shogunato Tokugawa, entre os anos 1850 e 1868.

Figura 7- Kenshin Himura, Kaoru Kamiya, Sanosuke Sagara e Yahiko Myoujin³⁶



Fonte: WATSUKI, Nobuhiro, Rurouni Kenshin, Vol. 2, 2012.

Kenshin representa os samurais que perderam seu lugar na nova sociedade, mas que não conseguem deixar seu passado e princípios como um guerreiro samurai para trás, e que como um verdadeiro guerreiro procura manter sua honra, proteger os mais fracos e lutar pelo bem do Japão e seu povo como fosse possível. Para isso Kenshin porta consigo uma *sakabatou*, que é um tipo de *katana* em que sua lâmina é invertida, ou seja, quando utilizada não provoca o corte. O uso dessa espada provém da promessa feita por ele de não tirar mais nenhuma vida para se redimir por todas as mortes que ele causou durante o *bakumatsu*.

Ao final da guerra, Kenshin tornou-se um andarilho, percorrendo o território japonês com o objetivo de ajudar o povo, principalmente aqueles que ainda sofriam com os resquícios dos tempos de guerras e das desigualdades provenientes do antigo governo Tokugawa. Ao longo da história, ele conhece pessoas que o fazem experimentar o sentimento da amizade, fazendo-o se sentir aceito apesar do passado que o assombra.

Kaoru, por sua vez, representa as pessoas comuns, que como vários outros perderam alguém importante na guerra, mas que tentava seguir acreditando na paz prometida pela nova era. Ela herda de seu pai um dojo de *kenjutsu*³⁷ e o estilo criado por ele - *Kamiya Kashin Ryuu* - que tinha como lema “A espada que protege a vida”. Apesar do fim dos samurais e do porte

³⁶ Respectivamente da direita para esquerda na imagem.

³⁷ Tem como tradução literal “técnica da espada”. O *kenjutsu* é uma disciplina física, mental e espiritual; para a sua prática é necessário o equilíbrio entre corpo e mente, mais do que força física e vigor. Os ensinamentos mais profundos do *kenjutsu* possuem um teor filosófico bastante forte que derivam do código samurai, o *bushido*.

de espadas, a arte da espada ainda estava sendo ensinada durante a Era Meiji (1868-1912), de forma a entender que essa arte já estava consolidada na vida dos japoneses como uma tradição, afinal, o *kenjutsu* é muito mais que uma arte marcial, é uma filosofia. Então, também podemos associar a personagem Kaoru com o sentimento de manter e passar adiante as tradições que os japoneses possuem. Em tal grau que na atualidade o *kenjutsu* é ensinado para os japoneses e pelo mundo, tendo até surgido variações a partir dela, como o kendo³⁸ e o aikido³⁹.

Sanosuke representa os japoneses que estavam descontentes com o novo governo, acreditando terem sido enganados por algumas promessas não terem sido cumpridas da forma que foram ditas, mas que se resignaram a continuar lutando ou acreditando no governo para que todos pudessem ter uma nova era de igualdade. No mangá ele é o último membro vivo dos *Sekihoutai*⁴⁰, um grupo formado pelas massas que lutavam por uma nova era em prol da igualdade entre as classes, que foi usado, depois traído e destruído pelos monarquistas. Quando descobre o passado de Kenshin, luta com ele como forma de vingança pelo seu líder, mas depois de perceber que Kenshin não é como os outros monarquistas, se juntou ao grupo.

Por fim, Yahiko, o personagem mais novo - de 10 anos -, é filho de um samurai de Tóquio que morreu durante uma das guerras para estabelecer o governo Meiji, sua mãe também já tinha vindo a óbito devido a uma doença. O maior desejo de Yahiko é ser forte para não depender de ninguém e poder proteger a honra da sua família, depois de Kenshin o ajudar, ele passa a treinar no dojo de Kaoru. Dentro de toda essa narrativa por trás do personagem, podemos dizer que ele personifica a honra e o orgulho dos japoneses, além do seu desejo de aprender e ficar mais forte para poder proteger aqueles ao seu redor e a si mesmos.

Em certa medida, podemos comparar Yahiko com os governantes japoneses diante da presença constante dos ocidentais. Acima de tudo, esses governantes queriam fortalecer o Japão para evitar possíveis invasões ocidentais com intenções de tomar o país e, para isso, buscavam aprender como ficar mais fortes com aqueles que eles julgavam fortes, os próprios ocidentais.

³⁸ “Caminho da espada”. Arte marcial de treinamento para o manejo da espada (ken), derivado do *kenjutsu*.

³⁹ “Ai”: união, harmonia; “Ki”: sopro vital, energia; “Dô”: caminho. O aikido é uma arte marcial, criada como esporte em 1931, que tem como filosofia a arte de viver sem violência. Tal prática consiste em usar a força do adversário contra ele próprio.

⁴⁰ Esse grupo realmente existiu na história japonesa. O primeiro regimento era liderado por Sagara Souzou, que também é mencionado na obra, foi mandado pelo governo a marchar pelo Norte espalhando a nova proclamação sobre os impostos. Porém depois foi acusado pelo o governo de ser um exército falso que espalhava mentiras e foram condenados à morte.

6.2 A presença ocidental no cenário japonês

Watsuki se preocupou em transmitir ao leitor a época em que se ambientou a história não apenas através da sua narrativa e contextualização histórica durante o desenrolar dos capítulos, mas também procurou passar esses detalhes pelo cenário e detalhes na arte. A cenografia desenhada por Watsuki preserva características da arquitetura japonesa encontrada durante a Era Edo (1603-1867) e da recém proclamada Era Meiji (1868-1912), dentro da história do mangá.

Figura 8 - Representação das ruas de Tóquio e estrada Toukai



Fonte: WATSUKI, Nobuhiro. Rurouni Kenshin, Vol 2, 8. 2012, 2013.

A paisagem urbana mostrada no mangá é formada basicamente de construções feitas de madeira, um dos elementos mais tradicionais da arquitetura japonesa, com poucas estruturas sendo feitas de acordo com os padrões ocidentais. De acordo com os desenhos de Watsuki, tais construções, quando apareciam, sempre estavam ligadas, de alguma forma, ao governo ou a pessoas ricas.

Figura 9 - Residência do traficante Takeda Kanryu



Fonte: WATSUKI, Nobuhiro. Rurouni Kenshin, Vol. 4, 2013.

O que é compatível com o período em que o mangá se passa, pois foi um período de transição e adaptação desse novo padrão. Essa mudança foi sendo implantada aos poucos, o estilo ocidental era algo caro para época, então apenas o governo, pessoas ligadas a ele e a elite do país logo tiveram acesso ao novo estilo. Algumas construções que aparecem com estilo ocidental no mangá foram a Estação Shimbashi, a Estação da Polícia, mansões de algumas pessoas do governo ou da elite.

A Era Meiji foi marcada pelo sincretismo de influências ocidentais e japonesas. Casas ocidentalizadas de alvenaria, móveis ocidentais (mesas altas, cadeiras, sofás e camas com colchão), roupas ocidentais (ternos ingleses, para os homens e vestidos franceses drapeados de cauda, com espartilho e anquinhas para as mulheres), comida ocidental (vinhos, pâtisseries e chocolates), o uso de talheres de prata e andar de carruagem eram privilégios dos ricos (SATO, 2007, p. 207).

Assim como na cenografia retratada por Watsuki, a presença ocidental também é percebida através da indumentária usada pelos japoneses no mangá. Nos primeiros anos da Era Meiji, datados na segunda metade do século XIX, os elementos típicos da vestimenta japonesa eram misturados com acessórios do estilo ocidental. No entanto, para cargos do governo essa mudança foi introduzida de forma mais imediata, carteiros, enfermeiras, policiais e soldados do exército passaram a usar uniformes baseados no estilo ocidental.

Figura 10 - Policiais japoneses da Era Meiji (1878)



Fonte: WATSUKI, Nobuhiro. Rurouni Kenshin, Vol 1, 2. 2012.

Anteriormente, até o momento antes do início da ocidentalização, o exército japonês era formado pelos guerreiros *samurais* que podiam portar vestimentas informais do cotidiano japonês - correspondendo a duas ou três camadas de quimono-, ou a vestimenta formal composta pelo *hakama* (calça larga) e o *haori* (quimono curto que serve de jaqueta) que portava o escudo da família para qual servia (SAKURAI, 2018). Os carteiros, enfermeiras e outras classes trabalhadoras antes da Restauração Meiji, também portavam trajes compostos pelos quimonos e suas variações.

SAMURAI. Classe de guerreiros (*bushi*) vassalos de um chefe militar, de um daimiô ou de um shogun. Essa classe apareceu nas províncias do leste do Japão em meados do século X, quando os grandes clãs guerreiros estavam em formação. Os samurais eram então um tipo de guarda (*saburai*) a serviço dos senhores da corte [...] Na época de Edo, formaram uma espécie de aristocracia militar, distinguindo-se dos simples soldados por levarem dois sabres (FRÉDÉRIC, 2008, p. 999).

Os homens que possuíam cargos no governo utilizavam ternos, sobretudos, luvas e cartolas. Tais características foram constantemente mostradas no mangá. Outro aspecto ocidental adotado pelos japoneses foi o uso de barba e de bigode que deixaram de ser vistos como algo pejorativos e passaram a serem símbolo de um semblante de masculinidade dando-lhes uma “aparência ocidentalizada”.

Na antiguidade, chineses e japoneses entendiam que quantidades maiores de pelos no corpo caracterizavam pessoas não-civilizadas, sujas, rudes e incultas [...] Considerando que todos os europeus da época usavam barba e bigode, não é à toa que os japoneses os viam como “bárbaros” (SATO, 2007, p. 201).

Diante dessa nova visão, muitos japoneses passaram a deixar o pelo do rosto crescerem, no entanto, como qualquer novo estilo ocidental, nos primeiros anos da Restauração a nova

imagem era mais comum nos homens do governo. Em Rurouni Kenshin percebemos a introdução dessa estética em alguns personagens, policiais ou oficiais do governo, que possuem pequenos bigodes.

Figuras 11 - Okubo Toshimichi ⁴¹



Fonte: WATSUKI, Nobuhiro. Rurouni Kenshin, Vol. 7, 2013; National Diet Library, Japan⁴².

A presença mais forte é com a introdução do personagem Okubo Toshimichi - diretor do departamento de negócios internos do Japão - que tem o rosto fechado por uma barba e bigode bem cheios. O ponto interessante, é que essa personalidade realmente existiu na história japonesa, e Watsuki procurou retratar Okubo fielmente.

⁴¹ Okubo foi um samurai de Satsuma e depois um dos homens do governo japonês. E um dos cinco grandes nobres que deu início a revolução Meiji.

⁴² Disponível em: <<https://www.ndl.go.jp/portrait/e/datas/32.html>>. Acesso em: 01/12/12.

Figura 12 - Representação das vestimentas nos primeiros anos da Era Meiji



Fonte: WATSUKI, Nobuhiro. Rurouni Kenshin, Vol 1, 7, 25. 2012, 2013, 2014.

Rurouni Kenshin é um mangá que, essencialmente, retrata pessoas do “povo” japonês e assim a maioria das roupas que vemos representadas são tipicamente tradicionais japonesas. Quando apareciam traços ocidentais nessas pessoas geralmente eram através de combinações entre as duas indumentárias, homens de quimono e usando um chapéu ao estilo ocidental, botas ou sapatos sendo usados no lugar das tradicionais getas⁴³ ou sandálias de palha japonesa.

KIMONO. Termo geral que designa o traje nacional japonês tanto para homem quanto para mulher. Ele é composto essencialmente por uma roupa longa aberta na frente, cujo lado esquerdo cruza o lado direito, fixando-se com uma faixa de tecido (obi). O quimono, que sucedeu ao kosode de mangas curtas (usado como roupas de baixo desde a época de Nara e que se tornou roupa de cima no século XVI), tornou-se o padrão do traje. Até o século XVII, as mulheres o fixavam apenas com uma faixa de tecido macio, mas ela foi substituída por uma faixa larga rígida provida de um laço nas costas (FRÉDÉRIC, 2008, p. 652).

O momento na história em que mostra a maior concentração da influência ocidental na indumentária japonesa no mangá é na cena que mostra a Estação Shimbashi, que por ser um dos pontos de chegada na capital de Edo, era um local onde tinha uma grande concentração de pessoas nobres e ocidentais, mais uma vez retratando que naquela época a modernização só tinha chegado para aqueles que possuíam posses.

⁴³ Calçados tradicionais japoneses feitos com palmilhas fixadas a uma base de madeira presas aos pés por meio de tiras que passam entre o artelho e os dedos.

Figura 13 - Estação de Shimbashi



Fonte: WATSUKI, Nobuhiro. Rurouni Kenshin, Vol. 6, 2013

Outra característica que podemos notar com o avanço da leitura e ao observar a vestimentas dos personagens principais e aos que figuram o ambiente, é que quase não aparece elementos ocidentais sendo atribuídos às mulheres. Como já foi dito anteriormente no item 5.1, que trata sobre a indumentária, nos primeiros anos da Restauração Meiji ainda se via predominante o uso do quimono, principalmente pela população feminina, o que mais poderia ser observado era o uso de botas quando as mulheres vestiam o *hakama*⁴⁴, ou alguns acessórios como o guarda-chuva de seda francês.

Mesmo aquelas que faziam parte da elite japonesa demoraram a aderir por completo o uso das roupas ocidentais, elas faziam uso destas na sua maior parte apenas em festas ou encontros formais da corte Meiji⁴⁵. O que pude notar ao longo das minhas leituras como apreciadora da cultura japonesa, é que a figura da mulher tipicamente japonesa adornada com os trajes mais tradicionais da sua cultura era bastante apreciada, principalmente pelos estrangeiros que apreciavam como uma beleza exótica para os seus olhos, tendo assim essa imagem feminina sendo mantida por mais tempo no país. Posteriormente, quanto mais a nova era se consolidava e mais aspectos ocidentais eram introduzidos no Japão, tornou-se chique, sendo usado quase como equivalente a ser alguém “civilizado”, parecer cada vez mais

⁴⁴ Calças largas tradicionalmente usadas tanto por homens quanto por mulheres e somente pelos homens a partir do século XVII.

⁴⁵Fonte: Vestimentas Japonesas. Disponível em: <<https://vestimentasjp.wordpress.com/2018/05/29/periodo-meiji-vestimenta/>> Acesso em: 02/12/2019.

ocidental, fazendo-se cada vez mais comum o uso de roupas ocidentais principalmente pelas mulheres.

[...] no século XIX as potências ocidentais avançaram sobre territórios na Ásia com o argumento da “superioridade racial” e a piedosa justificativa de levar a “civilização cristã aos bárbaros do oriente”. Para que o Japão fosse aceito na comunidade internacional o país tinha que conquistar o status de “nação civilizada”, o que na época literalmente significava “ser europeizado” (SATO, 2008, p. 206).

Já as pinturas tradicionais japonesas do século XIX retratam a introdução dos novos costumes, algumas dando aspectos cada vez mais comuns e cotidianos os usos de elementos ocidentais. Com a Missão Iwakura era comum ver tais pinturas nas cartilhas falando sobre as roupas, etiqueta e costumes ocidentais.

Figura 14 - Bonecas de papel



Fonte: Nippon-Graph ⁴⁶ (à direita); MET Museum ⁴⁷ (à esquerda)

Durante o período de transição e adaptação (segunda metade do século XIX), como ainda prevalecia o uso do quimono, os desenhos mostravam apenas alguns poucos elementos ocidentais, aparecendo mais como acessórios, alguns modelos de vestidos ocidentais também eram retratados para o uso em eventos da corte.

⁴⁶ Disponível em: <<https://taishou-kun.tumblr.com/post/118277896652/meiji-fashion-japan-1890s-1900s>>. Acesso em: 20/10/2019.

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/55548>>. Acesso em: 20/10/2019.

Recebida oficialmente em vários países, a Missão Iwakura durou 3 anos e gerou informações que o governo Meiji selecionou para adotar no processo de ocidentalização do Japão. Assim, ao invés de copiar cegamente um determinado país ocidental, os japoneses estudaram e escolheram com cuidado quais modelos seguiram na formação de instituições modernizadas [...] (SATO, 2008, p. 206).

Quando a Era Meiji (1868-1912) já estava mais consolidada e com a volta das expedições aos países da América e Europa, foi o momento que o governo começou a de fato utilizar e implementar o padrão ocidental no país.

A Missão Iwakura também analisou com cuidado o vestuário ocidental da época, que resultou numa cartilha ilustrada para explicar aos japoneses como eram as roupas usadas por homens, mulheres e crianças no ocidente, das roupas de baixo a acessórios como luvas, chapéus e guarda-chuvas (SATO, 2008, p. 206).

Alguns artistas também retratavam imagens do cotidiano japonês com aspectos cada vez mais ocidentais, muitas pessoas sorrindo, conversando e se divertindo, sob um cenário tipicamente japonês, como os parques de cerejeiras, portando vestimentas completamente ocidentais. Hoje esses registros servem para podermos comparar como foram feitas e aceitas essas mudanças.

Figura 15 - Imperador Meiji no Asukayama Park



Fonte: Yoshu Chikanobu (31 de dezembro 1887)⁴⁸

Em contraponto a toda essa ocidentalização, está a permanência da cultura tradicional do Japão. Como já foi dito anteriormente, os japoneses nunca abandonaram seus costumes e sua identidade, eles possuíam orgulho pela sua terra e seu povo, afinal, eles se consideravam descendentes direto dos deuses.

⁴⁸ Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Yōshū_Chikanobu_Asukayama_Park.jpg>. Acesso em 01/12/2019.

Figura 16 - Típicos costumes da Era Meiji



Fonte: Yoshu Chikanobu (4 de janeiro 1890)⁴⁹

O *kenjutsu*, a cerimônia do chá, as artes tradicionais como *ikebana*⁵⁰, e de música com instrumentos típicos japoneses como o *koto*⁵¹, nunca deixaram de ser passadas adiante para as novas gerações. Durante a formação das jovens japonesas para tornarem-se boas esposas, todas essas artes tradicionais eram ensinadas, junto aos novos costumes ocidentais.

[..] a identidade nacional passa a ser uma necessidade, justamente quando o país se abre ao contato com o Ocidente. [...] Quando o século XIX, o Japão tem diante de si o desafio de se tornar Estado-Nação, deve mostrar uma face para seus interlocutores. E encontrar respostas para si mesmo. Quem são os japoneses - essa é, então, a nova pergunta (SAKURAI, 2018, p. 327).

No século XIX, com a criação dos termos *wafuku* e *yofuku*, certa relação de amor e ódio foi criada entre os japoneses e as roupas ocidentais. Amor porque as roupas ocidentais, por um lado, incitavam o desconhecido e inspiravam a riqueza e o glamour de um mundo que o Japão estava passando a ser. E o ódio, pois a roupa ocidental era um símbolo da invasão estrangeira e de menosprezo pelas tradições japonesas. Tiveram períodos de maior e menor intensidade dessa dicotomia ao longo do século XX.

Durante décadas os japoneses copiaram modelos e tendências de Paris, Londres e Nova York, porém atualmente as passarelas japonesas possuem seus estilos e suas próprias referências, como a moda de rua que está sempre em constante mudança.

O mercado japonês para as roupas ocidentalizadas tem as suas particularidades adaptadas para a sua população. Com modelagens diferente das americanas e europeias, gostos

⁴⁹ Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Yōshū_Chikanobu_Utsushio_Kajin_Shū.jpg>. Acesso em 01/12/2019.

⁵⁰ Ikebana, a palavra japonesa para arranjo floral, é baseado em certos princípios de artes reconhecidos em todo o mundo.

⁵¹ Instrumento musical de cordas dedilhadas tradicional japonês.

locais e preferências das japonesas, o que significa que existe certa diferença entre as roupas ocidentais em si e as roupas ocidentais japonesas.

Essa diferenciação existente hoje mostra que os planos que aspiravam os governantes japoneses durante o processo de modernização tinham sido alcançados. As intenções e motivações do governo de aprender e retirar todo o conhecimento que julgavam útil dos ocidentais, para depois transformar em conhecimentos próprio de acordo com o que acreditavam e como funcionava no sistema, de forma que não se deixavam dominar pelos ocidentais e sua cultura.

As elites japonesas, por sua vez, manipulam elementos - que diziam ser da “alma japonesa” - no momento de sintonia fina, de acordo com seus interesses em cada questão: quer para impor aspectos de modernidade, quer para evitar que os valores japoneses tradicionais sucumbissem totalmente à onda de ocidentalização. (SAKURAI, 2018, p. 328)

Resumindo, os japoneses não se deixaram consumir pelo ocidente e seus diferentes artigos, eles astutamente, com o tempo, criaram seu próprio estilo ocidental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frequentemente associamos o Japão com a alta modernidade e tecnologia, pensando nele como um país que está sempre à frente do seu tempo e dos outros, mas vemos que nem sempre foi assim. Na realidade foi um país fechado para o resto do mundo - inclusive sendo essa uma das razões para ser um dos países menos miscigenados do mundo - se importando apenas com a sua própria nação, que veio a ter uma modernização tardia, porém considerada rápida se comparada com o tempo que alguns países da América ou da Europa levaram para completar sua modernização e sair dos tempos feudais.

O Japão possui uma longa história da sua cultura e formação da sua nação, neste trabalho só foi analisado mais a fundo duas Eras que constituem a história desse país. No entanto, podem ser consideradas as mais importantes para entender essa mudança no estilo de vida e na organização do Japão.

Entender como foi iniciada a Era Edo (1603-1867), seu contexto e motivações e posteriormente o que levou ao declínio desse período que ficou conhecido como a “Idade da Paz Ininterrupta”, possibilitou perceber melhor como aquele país que uma vez expulsou os ocidentais agora se via rendido a eles. E o estudo do povo japonês, suas crenças e o orgulho pela sua identidade resultou numa melhor compreensão das atitudes e escolhas tomadas pelo governo Meiji (1868-1912) para evitar que seu amado país fosse tomado um dia pelos que consideravam eles “bárbaros”.

Ademais, percebe-se nos contos das suas eras a capacidade dos japoneses de aprender e se adaptar às situações. A volta dos ocidentais as terras nipônicas, no começo tinha que ser tolerada pelo bem do país e do povo japonês. Esses pensamentos apenas reforçam os ideais de coletividade e nacionalismo tido pelos japoneses. Apesar de que nem todos podiam suportar tais mudanças, principalmente alguns antigos samurais que tiveram todo os seus direitos retirados - para alguns era como perder sua honra -, gerou muitas revoltas contra o novo governo Meiji (a mais notória tendo ocorrido em 1877, em Satsuma), mas nenhuma delas teve sucesso.

Com a constituição Meiji decretada em 1889, o país finalmente caminha em direção a constituição, as primeiras mudanças são lentas e pouco percebidas, apenas o governo e a elite japonesa tinham acesso aos artigos ocidentais. Nesse ponto, Rurouni Kenshin nos mostrou, com as representações consideravelmente fiéis da época, de que forma estava presente a estética ocidental naquele período no Japão. E ainda nos mostra através dos principais personagens da

trama os pensamentos e sentimentos dos japoneses frente a todos esses eventos que rapidamente estavam se desenrolando nas suas vidas e na história do país.

Atualmente devido a vários acontecimentos no decorrer da sua história, em principal a abertura dos seus portos 1854, o Japão possui uma abundância de estilos das mais variadas vertentes, com traços de diversas culturas e épocas. Desde estilos mais casuais como *Ojikawa* (vovô bonito) e *Obakawa* (vovó bonita), aos mais excêntricos que ditam não apenas roupas, mas maquiagem, estilos de cabelo e de comportamento, como as Lolitas (mistura do estilo gótico e elementos fofos, com referências de modelagem do Rococó e Era Vitoriana), Visual Kei (estilo característico de trajes elaborados e marcantes, de referência Punk/ Gótica, de estética andrógina), entre outros. Pode-se notar então que o Japão, que já era rico em cultura e tradição, com a abertura dos portos, ao passar dos anos, tornou-se também um país com uma grande diversificação de estilos.

Atualmente, a resistência às roupas ocidentais praticamente não existe mais e o Japão também é conhecido pelo seu consumo apaixonado por marcas, que deu aos japoneses a fama de ávidos compradores de grifes e acessórios de luxo. Além disso, passaram a não copiar as tendências, mas sim ditá-las pelo mundo, tendo como exemplo a popularidade no ocidente do uso de quimonos, não os tradicionais japoneses, mais uma adaptação deste para o mundo da moda. Existindo hoje vários estilistas japoneses que atuam sobre as passarelas europeias, usando elementos e inspirações vindas de seu país nas suas coleções.

Apesar de todos esses pontos em questão, como o próprio estilo ocidental japonês e seus diversos estilos existentes hoje, a tradição e a identidade japonesa adquiridas desde tempos antigos não foram deixadas de lado. De fato, os japoneses valorizam sua cultura e tradições e buscam honrá-las todos os dias através das suas ações. Ainda hoje é possível encontrar pessoas andando de quimono nas ruas ou em cerimônias de casamento ou de luto, esbarrar com gueixas nas ruas de Kyoto e com estudantes aprendendo a arte do *kenjutsu* nas escolas.

O Japão se modernizou pelo bem do seu povo, e continua se modernizando à medida que vai adquirindo novos conhecimentos e continua cumprindo suas tradições e perpetuando sua cultura como forma de honrarem seus ancestrais e orgulhar-se do seu país.

Por fim, este trabalho abre caminho para pesquisas mais aprofundadas que analisem outras Eras ou a cultura e tradições japonesas de forma mais meticulosa. Podendo ter como o objetivo principal as formas que as tradições e a cultura japonesa se manifestam hoje, se sofreram ou não mudanças significativas desde a abertura dos portos. Ainda pode ser feito a análise de outros mangás, que mostre os indícios da ocidentalização em outro momento do período Meiji (1868-1912) ou durante o período Taisho (1912-1926), e até mesmo estender até

os dias atuais, compreendendo o estilo ocidental japonês. O estudo pode vir a ser focado no consumo em massa de produtos e características ocidentais a partir da Segunda Guerra Mundial, voltando-se mais para o fenômeno da moda. Podendo também ser feito um estudo sobre a exportação da cultura oriental para o ocidente, atrelando, ou não, aos estilistas japoneses que ditam moda no ocidente atribuindo características orientais as suas criações.

REFERÊNCIAS

- ANAWALT, Patricia Rieff. **A História Mundial da Roupa**. 1. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.
- Andrei Cunha, **O Japão em tradução**: Textos brasileiros. Disponível em: <<http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/24853/24853.PDFXXvmi>>. Acesso em 30 de outubro de 2019.
- BENEDICTI, Ruth. **O Crisântemo e a espada**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2002.
- BUSHIDO Online, **Samurai – História**. Disponível em: <<http://www.bushido-online.com.br/samurai/historia>>. Acesso em 28 de outubro de 2019.
- Embaixada do Japão no Brasil, **Moda**. Disponível em: <<https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/moda.html>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2019.
- FRÉDÉRIC, Louis. **O Japão Dicionário e Civilização**. 1.ed. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- GARCÍA, Héctor. **Um nerd no Japão**. São Paulo: Editora JBC, 2010.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.
- HENSHALL, Kenneth G. **História do Japão**. 2 ed. Lisboa: EDIÇÕES 70, 2014.
- Japonista, **Moda no Japão**: do tradicional ao moderno. Disponível em: <<http://japonista.com.br/moda-no-japao-do-tradicional-ao-moderno/>>. Acesso em 28 de outubro de 2019.
- MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas 2003.
- MOURA, Mônica. A moda entre a arte e o design. In: PIRES, Dorotéia Baduy (org.). **Design de moda: olhares diversos**. p. 37- 72. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.
- NERY, Marie Louise. **A Evolução da Indumentária**: Subsídios para criação de figurino. 3 ed. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009.
- O ÚLTIMO SAMURAI**. Direção: Edward Zwick, Produção: Edward Zwick. Nova Zelândia: Warner Bros e Radar Pictures, 2003.
- SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- SANTOS, Antonio Raimundo. Dos. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SATO, Cristiane A. **Japop: o poder da cultura pop japonesa**. São Paulo: NSP HAKKOSHA, ed. e promoções, 2007.

SILVEIRA, D. T.; GERHARDT, T. E.:(Org.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

YAMASHIRO, José. **História da cultura japonesa**. São Paulo: Editora IBRASA – Livros que constroem, 1986. Edição online, disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=YW_i09IMs5oC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 10 de junho de 2019.